

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campus São Paulo

FELIPE ADOLFO VIDAL

MÃES DOS JOGOS:
Uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir
de um coletivo de mães na escola

São Paulo
2021

FELIPE ADOLFO VIDAL

MÃES DOS JOGOS:
Uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir
de um coletivo de mães na escola

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” (UNESP), como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Carminda Mendes
André

São Paulo
2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

V648m	Vidal, Felipe Adolfo, 1991- Mães dos jogos : uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir de um coletivo de mães na escola / Felipe Adolfo Vidal. - São Paulo, 2021. 97 f. : il. color. + anexos Orientadora: Prof.^a Dra. Carminda Mendes André Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte na educação. 2. Jogos educativos. 3. Atividades criativas na sala de aula. I. I. André, Carminda Mendes. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 370.15
-------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

FELIPE ADOLFO VIDAL

MÃES DOS JOGOS:
Uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir
de um coletivo de mães na escola

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho" (UNESP), como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Arte-Teatro.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Carminda Mendes André
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP – Orientadora

Ma. Natália Tazinazzo Figueira de Oliveira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP

Ma. Nathália Pallos Imbrizi
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha família, meu pai, Ariovaldo da Silva Vidal que sempre botou fé em mim, ao meu irmão, Fernando Nabi Vidal que teve uma escuta sensível com relação a este trabalho e a minha mãe Vera de Souza Vidal, por ter me mostrado e empurrado no caminho da arte educação e da contação de histórias. Quero agradecer também às três entrevistadas que fizeram parte dessa história e que toparam me contar suas lembranças e afetos, Maria Inês R. de Gouvea Garcia que participou das Mães dos Jogos com compromisso e alegria, Juliana Gouvea Garcia, que dividiu comigo aquele momento e relembrou dele com doçura e à Adriana Rieger que sem dúvida plantou uma semente em meu coração sobre a luta por uma educação democrática, afetuosa e crítica. Agradeço a minha companheira Elisa Giannella, que me provocou com questionamentos nas nossas longas discussões sobre os caminhos deste trabalho. E por último quero agradecer a minha orientadora Carminda Mendes André que me enxergou com olhar vívido e curioso e me conduziu a caminhos da pesquisa que eu nem fazia ideia.

“A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.”

Paulo Freire.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a experiência sobre o projeto Mães dos Jogos que tive a oportunidade de vivenciar como aluno entre os anos de 2000 e 2001 em que eu estava nas terceira e quarta séries. Primeiro é feita uma reflexão sobre o tensionamento entre oralidade e escrita e depois é contado através de relatos de entrevistas a história do projeto Mães dos Jogos, desenvolvido na EMEIF Maria da Graça de Souza, Vila Floresta, Santo André, cidade do ABC Paulista, zona metropolitana da cidade de São Paulo. O projeto tinha por objetivo que mães de alunos fabricassem e aplicassem jogos em horário de aula a fim de diminuir as dificuldades dos alunos com os conteúdos das matérias. Durante a pesquisa são levantadas discussões a partir da história contada sobre esse projeto. É discutido o território em que o espaço da escola está inserido e como esse território pode ser uma proposta pedagógica. Também se discute o fazer dos jogos por essas mães na escola e como este fazer influenciou as relações entre mães, professoras e alunos. Avançando a discussão, é abordada as práticas da comunidade de aprendizagem que se formou a partir desse coletivo de mães na escola. Por fim é feita uma análise sobre a gestão da escola e os caminhos que viabilizaram as ações do projeto Mães dos Jogos e os fazeres artísticos na EMEIF Maria da Graça de Souza.

Palavras-chave: Comunidade de aprendizagem. Território e escola. Jogos na escola.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la experiencia sobre el proyecto Madres de los juegos que tuve la oportunidad de experimentar como alumna entre los años 2000 y 2001 en los que estuve en tercer y cuarto grado. Primero, se hace una reflexión sobre la tensión entre oralidad y escritura y luego se cuenta a través de reportajes de entrevistas la historia del proyecto Mães dos Jogos, desarrollado en EMEIF Maria da Graça de Souza, Vila Floresta, Santo André, ciudad de ABC Paulista, área metropolitana de la ciudad de São Paulo. El proyecto tenía como objetivo que las madres de los alumnos fabrican y aplicaran juegos durante las horas de clase con el fin de reducir las dificultades de los alumnos con los contenidos de las asignaturas. Durante la investigación se plantean discusiones a partir de la historia contada sobre este proyecto. Se discute el territorio en el que se inserta el espacio escolar y cómo este territorio puede ser una propuesta pedagógica. También se discute la realización de los juegos por parte de estas madres en la escuela y cómo esto influyó ...

Palabras clave: Comunidad de aprendizaje. Territorio y escuela. Juegos en la escuela.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1:** Mães de alunos fazendo contação de histórias na biblioteca da EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André..... 27
- Fotografia 2:** Mães de alunos fazendo contação de histórias na biblioteca da EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André..... 27
- Fotografia 3:** Algumas das mulheres que participaram do projeto Mães dos Jogos. Detalhe da camiseta que diz: “SOU VOLUNTÁRIA porque acredito na educação”. 28
- Fotografia 4:** Julia que trabalhava na equipe de limpeza da EMEIF Maria da Graça de Souza de costas com a vassoura na mão e conversando com a menina, no momento em que as Mães dos Jogos faziam a aplicação de um circuito. 30
- Fotografia 5:** Apresentação da peça/ coral Os Saltimbancos, na câmara dos vereadores de Santo André. Em destaque Juliana Gouvea Garcia, a entrevistada, interpretando a personagem Galinha. 33
- Fotografia 6:** Maria Fulô, nome artístico de Vera de Souza Vidal, contando histórias na EMEIF Maria da Graça de Souza. 35
- Fotografia 7:** Quartinho onde eram guardados os jogos fabricados, chamado de QG. 38
- Fotografia 8:** Acantonamento na EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André. Professora Mara como mestra de cerimônia..... 57
- Fotografia 9:** Acantonamento na EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André, fogueira ao fundo no momento do piquenique. 61
- Fotografia 10:** Acantonamento na EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André, momento de ir embora, Juliana Gouvea Garcia a entrevistada posando para a câmera..... 62
- Fotografia 11:** Turma da quarta série da EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André, da esquerda para a direita, fileira de cima: professora Mara, Amanda, Jéssica, Caio Yoshio, Romário, Wesley, Fernanda, Débora, Alexandre, Bruno. Fileira do meio:

Juliana, Leonardo, Jefferson, Kleber, Cauê, Felipe, Najara, David, Claudemira. Fileira de baixo: Marcos, Janete, Cibele, Dayane, Eric, Denis, Robson, Marcos Paulo e Caio César..... 66

Fotografia 12: Peça referenciada no conto A Estreia, em destaque no palco, a atriz Vera e dois fantoches ao fundo..... 69

MATÉRIA DE JORNAL

Matéria de jornal 1: Matérias “O JOGO também ensina” e “A jogada da rede” onde é relatado a importância dos jogos na educação e o projeto Mães dos Jogo na EMEIF Maria da Graça de Souza.....39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
ATO I	14
1 PALAVRA CONTADA: Tensão entre palavra escrita e oralidade.....	14
ATO II	44
2 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: uma cama para contar essa história.	44
2.1 Território e comunidade na escola.	45
2.2 “dos Jogos”.	49
2.3 Comunidade colaborativa de aprendizagem.	55
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	67
3.1 A Estreia	67
3.2 Aterrissando essa cama.....	70
REFERÊNCIAS.	75
APÊNDICE	77
ANEXO	96

INTRODUÇÃO.

Proponho contar uma história por meio deste trabalho, portanto, eu peço licença para quem veio antes de mim falando sobre o que eu quero expressar, mostrando, quem sabe, o que eu queira mostrar de maneira escrita e oralizada o que ficará por se entender aqui. Quero contribuir com este saber vivido e testemunhado por mim mesmo e outrem e que já adianto que para quem lê é da ordem do subjetivo e também da ordem do sentir e do imaginar. Faço um pedido, que você que está lendo isso se tiver vontade, leia em voz alta para ouvir e escutar melhor e fazer o exercício de tensionar a palavra escrita com oralidade¹, pois esse saber história é sobre afetar e deixar ser afetado por uma comunidade de aprendizagem na escola.

Essa história que conto a você se passa entre os anos de 2000 e 2001 quando eu estava na terceira e quarta série, na EMEIF (Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental) Maria da Graça de Souza, Vila Floresta, bairro da cidade de Santo André, ABC paulista localizado na região sudeste da zona metropolitana da cidade de São Paulo. Santo André é uma cidade de grande porte com 723.889 habitantes (IBGE, 2021), com favelas, bairros periféricos, bairros de classe média baixa, bairros de classe média alta e bairros mais privilegiados próximos ao centro. Na década de 1950 chegava na região do ABC Paulista as indústrias automobilísticas, o que fez dessa região um polo fabril no país e dessa maneira a cidade foi se relacionando e crescendo através das indústrias e com isso o comércio e a população chegavam de outras partes do Brasil. A EMEIF Maria da Graça de Souza atende principalmente os bairros da Vila Floresta, onde eu moro desde que me conheço por gente, e do Jardim Bom Pastor. É uma região de desigualdades sociais onde existe a classe média e as favelas que ficam próximas ao Rio dos Meninos, que faz a divisa entre o município de Santo André e São Bernardo do Campo, onde quando chovia tinha enchentes.

¹ Característica ou condição do que é oral, do que é falado. ORALIDADE. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020.

A EMEIF Maria da graça de Souza fica entre o Calvitti, uma escola estadual de ensino fundamental 2 e ensino médio em que eu estudei posteriormente e o ribeirão dos meninos, que está poluído.

Hoje não tem mais os muros altos em volta da EMEIF, mas me lembro quando tinham e também quando foram derrubados, dando algum tempo depois lugar às grades. A escola tem um centro comunitário que promove atividades e oficinas abertas, que administra a piscina onde eu e muitos da região fizemos natação e nadávamos aos finais de semana no verão, lá tem três quadras, pista de skate, parquinho e área arborizada, para alunos e a comunidade do entorno.

A comunidade que frequentou a EMEIF Maria da Graça de Souza nessa época é de vários lugares, é da favela e também da classe média, tinham mães, pais, tias e avós. Tem preto, branco e amarelo. Tinha gente que saía da escola meio dia e ia direto para a feira livre de quarta-feira, a duas quadras dali comer pastel porque a mãe de uma menina da minha turma tinha uma barraca na feira e a gente se reconhecia naquela gente toda. O pai de não sei quem era o mecânico da vila que consertava os carros e que ia buscar o filho na escola. Tem também as ruas de comércio com açougues, mercadinhos, papelarias, cabeleireiros, vidraceiros, óticas, padarias e perto dali o posto de saúde. Na época de festa junina tinha a quermesse da paróquia do Jardim Bom Pastor, que a gente ia e se reconhecia naquela gente, naqueles cheiros, naquele espaço e território.

Essa história deste trabalho está dividida em dois atos, no primeiro ato conto através de relatos de entrevistas que fiz com mulheres que assim como eu testemunharam essa história sobre o projeto Mães dos Jogos, entre os anos de 2000 e 2001. O projeto foi um coletivo de mães concebido pela Adriana Rieger, diretora da escola na época. O projeto formado pelas mães teve como objetivo fabricar e aplicar jogos em horário de aula a fim de diminuir as dificuldades dos alunos com os conteúdos das matérias como língua portuguesa, matemática, história, ciências e geografia. A partir da ação do projeto Mães dos Jogos na escola essa história desembocou em uma comunidade de aprendizagem no espaço da escola.

No segundo ato discuto junto a alguns autores e com intervenção de trechos de relatos das entrevistas como a barreira entre o espaço da escola destinado à primeira vista apenas aos alunos e professoras, com a chegada e intervenção dessas mães, os afetos ficam evidenciados na relação entre alunos, mães professoras e escola. O Afeto deve ser lido no sentido verbal “afetar”, essa atribuição foi fundamental para o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem e atividades que se estabeleceram na EMEIF Maria da Graça de Souza, na Vila Floresta em Santo André. Me lembro de quando os projetos para além dos jogos em horário de aula começaram a surgir, o coletivo de mães era peça fundamental, assim como professora, diretora, alunos e funcionários. As “Mães dos Jogos” evidenciou os afetos das relações e posteriormente o fazer sensível para os projetos artísticos que aquele espaço proporcionou e favoreceu no decorrer dessa história. De modo geral essa história não seria possível sem o desejo comum, no sentido das relações humanas e na manutenção da comunidade que foi estabelecida no espaço da escola e naquele território, formando de maneira intuitiva uma comunidade de aprendizagem com muitas colaborações e trocas em seus fazeres e saberes, ainda que no momento vivido os afetos e trocas talvez não fossem percebidos de maneira objetiva e lógica, mas sim de forma subjetiva entre sujeitos e espaços. E é sobre essas relações que essa pesquisa, a partir da história sobre a formação dessa comunidade de aprendizagem se debruça propondo a discussão e reflexão dessas trocas, afetos e relações dentro do espaço da escola

ATO I

1 PALAVRA CONTADA: Tensão entre palavra escrita e oralidade.

Irei contar a experiência do projeto Mães dos Jogos através de falas colhidas de entrevistas que fiz com mulheres que se afetaram na comunidade de aprendizagem que se formou em uma escola a partir do projeto de um coletivo formado por mães que aplicavam jogos junto aos alunos em horário de aula. Mas antes de contar a história, discuto o que entendo por essa palavra que me foi falada durante as entrevistas e que me contaram essa história preciosa sobre o trabalho deste coletivo de mães na escola. Depois de registradas as entrevistas, as palavras foram transcritas no desejo que perdessem o mínimo de suas características de quando foram faladas, mas que ao mesmo tempo de alguma forma tiveram que se enquadrar nos códigos de palavra escrita para que se houvesse compreensão do que será lido neste trabalho que conta uma história.

Eu percebi tensão enquanto transcrevia as entrevistas entre oralidade e palavra escrita. Me peguei em alguns dilemas como: será que corrijo a palavra falada com a palavra escrita? Como posso ser fiel à palavra falada usando os códigos da palavra escrita? Como contar essa história que foi falada, sendo o mais fiel possível à maneira das falas para quem está lendo esta história? Entendo esse tensionamento posto como uma disputa entre academia e “senso comum” (SANTOS, 2008, p. 88-92), nesse sentido trago a autora Giselda Pereira Rodrigues que durante sua dissertação de mestrado relaciona histórias de orixás às histórias de sua trajetória como artista, e como educadora na rede pública municipal de educação da cidade de São Paulo, junto a formação que ela desenvolveu para professores da rede pública da capital paulista em uma prática pedagógica antirracista. Na perspectiva sobre esse tensionamento entre oralidade e escrita que encontrei nesta dissertação que também nos contam histórias, trago um trecho onde Rodrigues cita BÂ, 2010, que afirma:

Para alguns estudiosos o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos

passados [...] O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. (BÂ, 2010, p. 168 apud RODRIGUES, 2020, p. 39)

Diante dessa afirmação entre oralidade e escrita dita por BÂ, 2010, que relaciono a essa história que conto a você, penso na possibilidade da tradução de um código para outro, na tentativa de encontrar outro caminho que não seja polarizado ou de disputa, mas que permita a experiência e autonomia de transitar entre as duas formas. “Diferentemente do que já me disseram especialistas em literatura, oralidade e literatura são da mesma família, podem caminhar juntas, complementando e fortalecendo suas existências.” (RODRIGUES, 2020, p. 74).

A partir dessa perspectiva colocada por Rodrigues proponho a possibilidade de uma experiência. Proponho que façamos um trato entre quem escreve este trabalho e ouviu essas histórias, de como a partir de um coletivo de mães na escola foi formada uma comunidade de aprendizagem, e você que faz a leitura do que está escrito aqui: retomo as palavras do início deste trabalho e lhe convido não só a ler em pensamento a conversa e relatos que virão daqui em diante, mas que dê a possibilidade de ser também palavra oral, dita em voz alta e com intenção de ser contada a alguém, movida pela dúvida, desejo ou provocação da experiência sobre a tensão entre oralidade e escrita. “Pois a experiência vivida com a oralidade coloca o sujeito em outra relação com a vida e o conhecimento formulado nas experiências.” (RODRIGUES, 2020, p. 40), nesse sentido vejo a possibilidade de você leitor se dar a experiência de ouvir de si mesmo, de certa maneira, o que me foi contado também por essas mulheres.

As entrevistas foram feitas de maneira individual com cada uma das entrevistadas, por meio de vídeo chamada respeitando as medidas de segurança de isolamento social por conta da pandemia de Covid-19 e estão disponíveis na íntegra no apêndice deste trabalho. As entrevistas seguiram com uma atmosfera de bate-papo descontraído e durante a conversa foram mostradas algumas fotografias que estão disponíveis ao longo do trabalho para que pudéssemos trazer à memória aquelas histórias que partilhamos, que afetamos e que nos afetaram. Trago as falas das entrevistadas e o relato como interlocutor organizados como se fossem uma

conversa e dispostas em outra diagramação da utilizada até aqui, isso para que possamos mergulhar em outra atmosfera visual. Essa mudança é para dar lugar a essa conversa que conta uma história e que tem outras vozes, olhares e afetos para além dos meus.

1.1 Conversando e contando história.

FELIPE: Apresento a você a primeira entrevistada que aparece nessa história. Adriana Rieger foi diretora da EMEIF Maria da Graça de Souza, na Vila Floresta em Santo André, entre os anos 2000 e 2002. Ela foi a idealizadora do projeto Mães dos Jogos e aqui ela conta a história dos caminhos que percorreu para conceber a ideia do projeto, sua viabilização e onde essa jornada desembocaria.

ADRIANA: Tudo começou com a questão da democratização do acesso à escola, que era uma das diretrizes daquela gestão, e de fato essa é uma diretriz que eu acredito. Então eu acredito que a educação tem esse poder libertador, e que a gente precisa garantir, em especial na escola pública, a qualidade social da educação que não é a qualidade cognitiva, acadêmica só, é uma qualidade social que a gente tem que garantir, a gente precisa garantir o acesso, mas também a permanência desse menino lá na escola. A gente tem que entender que o menino não vem sozinho, tem um combo né, vem o kit, vem a família, o arranjo familiar dele vem junto. Eu não tenho direito enquanto escola, enquanto instituição, de interferir e muito menos de fazer qualquer juízo de valor em relação ao arranjo familiar que ele tenha.

Eu já tinha Mães dos Jogos lá na minha sala de aula, no Vila Sá², então em 97 eu criei o grupo Mães dos Jogos e em 98 eu tive que encerrar. No começo a diretora da época deixou eu montar esse grupo, porque era cômodo: “é bom ter mãe tarefeira na escola”. Ah, vinha ao encontro do que a secretaria dizia: “a gente vai democratizar o acesso, a gente quer participação da comunidade escolar, a gente quer participação de todos os segmentos nas decisões da escola”. Eu acreditei de verdade, isso fazia parte do meu sonho, do meu propósito, então: “oba! Vou fazer parte disso, como eu posso fazer parte?”. No começo você vê né, chamam para informar como que a escola gastou um dinheiro, depois chamam para para consultar: “olha, recebemos a verba, vamos pintar a escola. Azul ou amarelo? mas o azul é melhor que não aparece tanta sujeira”. Sabe aquele tipo de participação? Que não era o tipo de participação que eu entendia. A minha concepção de participação é outra, mas ao mesmo tempo eu entendi assim: a gente só aprende a

² EMEIF localizada no bairro Vila Sá em Santo André, SP, ABC paulista, Zona metropolitana da cidade de São Paulo.

participar, participando. Então quem tá a frente desse processo também não aprendeu participar de outro jeito, tá aprendendo também, isso é um processo, vai ampliar, logo muda.

E aí foi o primeiro ano que na prefeitura instituíram o ensino fundamental. E aí eu aceitei, como eu sempre fui fora da caixinha, eu sempre gostei do novo, de ousar, de inovar, de experimentar outras coisas. Eu sempre morri de medo de banalizar meu olhar, de acabar não enxergando mais as coisas, porque elas vão ficando muito óbvias. Eu tenho muito medo disso, naturalizar o que não pode ser naturalizado.

Então eu resolvi que eu quero o ensino fundamental. Aí depois começou a rifa dos alunos né, e no caso, além de rifar os meninos das famílias desestruturadas, ainda estavam rifando: “esse aqui tem baixa visão, *(tom de ironia)* iiih essa menina tem algum probleminha mental...”. Aquilo me incomodava muito, porque de fato eu trabalhei 32 anos no serviço público, mas eu não trabalhei como professora no serviço público porque foi a única coisa que me sobrou na vida, eu escolhi, foi uma opção minha. Nesse ano que eu assumi o ensino fundamental, eu assumi junto esses cinco meninos que estavam sendo leiloados, todos eu arrematei. E aí eu não conseguia ficar de manhã porque esses meninos ficavam à tarde, e eu fui para de tarde. Aí todo mundo: “você tá ficando louca, você não vai ficar de manhã?” e eu falava: “para quem trabalha o dia inteiro, tanto faz ser de manhã ou de tarde”.

De verdade, começou muito difícil, era uma sala bem grande, tinha mais de 30 alunos, até porque eu nunca aceitei perder ninguém pelo caminho, eu perdi, mas não perdi porque eu quis, eu lutei, eu sempre tinha para mim que eu tinha que disputar o destino dos meninos. Então eu precisava de gente comigo, sozinha não tava dando conta. Porque eu sempre entendi que a gente é muito singular, que cada um tem um tempo, tem um ritmo, tem um estilo próprio de ser, de viver, de aprender, de gostar, de tudo. E aquela sala de aula era muito diversa, todas as salas são diversas, mas aquela de verdade estava representando acho que o maior desafio que eu tive na vida, essa minha turma de 97 para 98, tinha momentos que eu não sabia o que fazer. Porque eu olhava e a maioria não tava aprendendo o que eu queria né, o que eu queria não, o que eu sabia que eles precisavam aprender.

Eu sempre acreditei que eu tinha que dar mais para quem tivesse menos, e eu não tava conseguindo nem o mínimo, porque eu não conseguia enxergar avanço. E aí as famílias quando vinham buscar as crianças no fim da aula, tinha gente que comentava assim: “essa é a sala dos deficientes?”, tinha mãe que ia na diretoria e perguntava se podia mudar de turma porque aquela sala era dos “fracos”. Até então, até esse ano, quando a mãe chegava na porta da sala e lia o nome do filho na lista, ficava toda feliz, porque eu ia ser professora, então tinha uma coisa de ser professora querida. E aí eu comecei a experimentar uma certa rejeição do tipo: “acho que não é bom para o meu filho ficar nessa turma” e alguns diziam: “mas ele não tá aprendendo”. E aí sabe aquela coisa, quando a bunda começa a molhar né, não tava na bunda, tava no pescoço, mais um pouco eu ia me afogar e eu não tava percebendo.

Foi quando começou a acontecer dos pais manifestarem esse descontentamento, ou as crianças contarem né, porque criança é bicho bacana, elas contam tudo que escuta: “o prô, a minha mãe falou que vai falar com a diretora para eu ir para a professora fulana de tal, porque que você não tá ensinando. Você não dá lição de casa”. Eu sempre fui contra a lição de casa, lição de casa que o menino não sabe fazer sozinho, lição de casa não pode ser castigo, lição de casa tem que ser libertadora, tem que construir autonomia, responsabilidade, mas não alguma coisa que a mãe tenha que parar a vida e ajudar ele a fazer, não podia ser assim e eu não tava conseguindo encontrar coisas que eles pudessem fazer sozinhos né. Enfim, não dá para eu mandar a lição para o aluno se alfabetizar com a mãe, era meu papel, não o da mãe.

Eu sabia que eu precisava de ajuda e eu clamava por ajuda dentro da escola para quem deveria me ajudar, mas as pessoas diziam para mim: “você não quis aquele monte de deficientes? Você que quis.”, as pessoas me apontavam o dedo e diziam: “você escolheu, porque você fez isso com você?”, “ah, mas um ano passa logo”. Naquela época eu ainda precisava aprender muita coisa, eu não tinha toda essa experiência e o repertório com jogos, foi aí que eu fui pesquisar, que eu fui estudar sobre jogos. Eu assinava uma revista que tem até hoje, *Nova Escola*, e nessa edição de 98 eu li uma matéria do Tião Rocha³ que

³ Tião Rocha é mineiro, antropólogo, folclorista e educador popular e acredita em uma pedagogia através do lúdico e da diversão. Idealizador e Diretor-Presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD, criado em 1984, em Belo Horizonte/MG. Desenvolveu pedagogias como: Pedagogia da Roda, Pedagogia do Brinquedo, Pedagogia do Abraço, Pedagogia do Sabão e Pedagogia do Copo Cheio. Para saber mais sobre Tião Rocha e seus projetos acesse o site: <http://www.cpcd.org.br/>. Acesso em: 30/06/2021.

ele falava do *Bornal de Jogos*⁴, ele é um antropólogo, ele é o príncipe brasileiro da didática da diversão. Eu li essa matéria e ele contava da experiência de ensinar os meninos matemática e língua portuguesa embaixo do pé de manga, ele falava dos jogos no terreiro com barro. Eu comecei a ler aquilo e comecei me imaginar naquele lugar, e imaginar aquele lugar dentro da minha sala de aula.

Eu já não sentava os meus alunos um atrás do outro, eu formava pequenos grupos, e já era um incômodo para a professora que trabalhava na mesma sala que eu. Eu tinha que desmontar e montar a sala, não o funcionário da escola. Porque eu que fugia do padrão, que era nuca atrás de nuca, eu que inventava moda, era assim que eu ouvia: “como tá suja a sala”. A gente ia buscar terra, mato, areia e tinha mãe que falava assim: “nossa, mas no primeiro ano volta sujo desse jeito?”. Mas tem morro, tem grama e a gente vai na grama, a gente vai no morro depois da merenda, a gente precisa disso. “Nossa, mas só brinca?”. Não brincava só né, enfim. E aí eu comecei a estudar sobre isso, mas só ler não tava me ajudando. Aí eu escrevi para o Tião pedindo ajuda né: “me socorre, me ajuda a escolher quais são os jogos, que eu não tô sabendo qual é o melhor, como é que eu ajudo quem tem baixa visão?”. Aí eu comecei a descrever os casos, não recebi resposta. Aí eu escrevi outra carta bem desaforada, dizendo que pelo menos me respondesse né, e aí ele mandou a resposta e a gente começou a conversar por escrito e ele me mandava cópias e xerox de jogos que tinham no *Bornal* e sugestões.

Eu fui tentando, só que sozinha não dava para produzir os jogos, aprender a jogar e ensinar a jogar todo mundo ao mesmo tempo. E como tava essa moda de falar: “vamos trazer os pais para a escola”, ah, aproveitei né, a gente tem que saber unir o útil ao agradável. A diretora que tava nessa época falou: “fique à vontade”, eu chamei uma comissão de mães, para elas me ajudarem a fazer os jogos. Mãe tarefeira, mãe que encapa caderno, que limpa a escola, isso é normal né. Chamei, aí arrumei lá na sala dos professores um cantinho para elas confeccionarem os jogos, e dá-lhe trabalhar, fizeram um monte de jogo, vieram super animadas, veio vó ajudar, enfim uma festa.

⁴ O *Bornal de Jogos* foi desenvolvido pelo educador popular Tião Rocha, onde ele reúne mais de 100 jogos e propostas de fabricação de jogos com materiais acessíveis e que tem por objetivo ensinar de maneira lúdica e divertida as matérias do ensino fundamental como: língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia entre outras áreas da grade curricular a fim de diminuir as dificuldades dos alunos.

Passado um tempo, os jogos prontos, vamos começar as sessões de jogos, mas que agora sozinha não dava. Aí eu comecei a convidar essas mães que construíram os jogos, eu orientava como elas tinham que fazer a intervenção, eu falava: “não é para dar resposta, mas não é para colocar ninguém num mar de dúvida. E também não é para deixar facinho, é para fazer uma mediação, é para fazer perguntas para problematizar. Os alunos têm que construir a resposta, mas a gente tem que ir desfiando esse fio lá dentro”. Eu lembro que eu usava essa expressão: “é como se tivesse um novelo todo emaranhado que a gente tem que ajudar a puxar esse fio enrolando aqui para fora. Porque depois com o novelo enrolado é fácil para ele andar na vida.”. Então todos os dias, 5 dias da semana, a primeira hora de aula as mães já chegavam, entravam com os meninos. Eram tipo umas dez mães, uma para cada três crianças mais ou menos, e elas entravam juntas e ficavam aquela primeira hora, porque a minha merenda era às duas horas, então a hora que eu ia para a merenda elas iam embora, depois eu tocava a vida como devia ser a escola. Aquela primeira hora, que dava uns 50 minutos, a gente fazia as sessões de jogos, e todos os meninos ficavam agrupados, e cada dia eu ficava num grupo. Porque eu ia fazendo as intervenções e aí eu criei uma planilha para as mães irem anotando. Tinha o nome das crianças, o nome do jogo, e elas iam anotando. Por exemplo, um jogo de que eu tinha como objetivo a contagem. Então para cada um tinha coisas diferentes e essas mães, avós, foram entendendo esse processo, e foram contribuindo. Só que essas mães não eram mais tarefeiras, elas participavam de verdade.

Uma vez por semana a gente tinha a reunião pedagógica, que eu podia fazer qualquer coisa que eu quisesse, só não podia ir embora, eu tinha que ficar na escola. O que eu fazia? As mães iam buscar as crianças, que ficavam brincando dentro da sala e a gente sentava e se reunia para fazer o planejamento da próxima semana. Eu conversava e discutia com elas, e às vezes elas falavam: “ah não, esse dominó é muito facinho para fulano”, elas começavam a ver coisas que eu não via, porque elas estavam atuando ali, então era uma participação de verdade. Era isso que eu queria. Meu objetivo não eram elas, eram os meninos, mas aquilo começou a surtir efeito. Então quando tinha uma situação problema para resolver eu observava que alguns já demonstravam ter avançado, nas letras, nos jogos, então eu percebi avanço ali. Essas mães também estavam empoderadas por entenderem o papel social delas ali dentro da escola, terem consciência de que elas podiam mais do que só ir assinar o boletim no dia da reunião e ser chamada na porta para alguém falar mal do filho dela, que elas mereciam mais do que isso.

E Começaram a observar: “os alunos tão sozinho lá na merenda, cadê a professora fulana? Olha, os meninos estão fazendo não sei o quê, a professora não tá na classe?”. Elas começaram a olhar a vida da escola e botar o dedo em coisas que estavam erradas. “Nossa, a professora tá chegando agora, os meninos tão com quem? Olha a professora trouxe o filho hoje, mais fica com o filho do que dá aula para os meninos. Nossa, eles vão ficar o dia inteiro brincando com esses pinos aí no pátio?”. Então elas começaram a observar coisas, falavam entre elas e começaram a buscar a diretora para falar também. Então começou a virar pauta de reunião pedagógica o que elas falavam para a diretora. Aí as professoras, é óbvio, fizeram pressão de que aquilo era uma invasão, que elas tinham liberdade de cátedra, que aquilo era um absurdo e que a culpa era minha. Que eu era incompetente, que quis dar uma de gostosa, e quis dizer que era melhor que todo mundo, e elas falavam: “você ficou com os especiais porque você quis. Agora, você é incompetente e não dá conta, porque ninguém dá conta deles. Você agora fica botando as mães aqui para atrapalhar a nossa vida. Para elas fazerem o seu trabalho”. Ninguém entendia o que estava acontecendo. A diretora nessa época defendeu a permanência das mães, porque ela tava entendendo o que estava acontecendo. Mas enfim, aquele ano passou rápido e eu pude continuar com as mães até o final do ano.

No ano seguinte uma professora, que era da EMEI Vila Floresta foi ser minha diretora na EMEI Vila Sá. Qual foi uma das primeiras providências que ela tomou? Impedir as mães de entrarem, e eu pedi para continuar com os meus alunos. Você acha que alguém quis os meus alunos? Óbvio que não. Então a primeira providência dela foi: “Não tem mais mãe entrando em horário de aula”, eu respondia: “Mas é meu projeto”. “Não, você vai dar aula sozinha, porque você tem que dar aula, não as mães. Você vai se virar sozinha”. Enfim, as mães não puderam mais entrar. As mães ficaram muito mobilizadas com isso, foram até a prefeitura, reclamaram e nada... E o que me ofereceram? Ser diretora. Eu tava muito “P” da vida! E aí eu fui fazer a seleção para vice-diretora, eu não conseguia continuar na escola tendo aquela diretora me proibindo de fazer tudo aquilo, e os meus alunos e as mães sofrendo. Eu me sentia acuada, amordaçada, eu não conseguia mais ficar lá, então eu ia chorando no carro, tava um sofrimento para mim.

Alguém me falou assim: “para você mudar isso, você tinha que ser a diretora”, eu respondi: “nossa, eu fiz a inscrição para a coisa errada então”. Mudei a inscrição de vice-diretora para diretora. Eu queria ser vice-diretora lá na Vila Sá, porque lá que estava

precisando de vice-diretora, mas quando me falaram isso, eu mudei a minha inscrição de vice-diretora para diretora. Aí fiz o processo e passei e me chamaram para escolher a escola. Então me contaram sobre a escola Maria da Graça de Souza (Vila Floresta), que era uma escola problemática e que não parava diretora eu pensei: “se é como diretora que eu posso mudar alguma coisa então eu vou ser diretora de lá, essa escola precisa de mim, é para lá que eu vou, se eu tiver que quebrar a cara eu vou quebrar e pronto. Quando eu cheguei eu encontro aquele grupo de professoras, que na primeira reunião pedagógica eu ficava pensando: “onde que eu vim parar?”, um tempinho depois quando eu cheguei a perguntar: “qual é o problema de vocês comigo? o que acontece?”. E aí responderam: “é que assim, é difícil te aceitar como diretora, uma pessoa tão mal vestida, descabelada sabe...”. Oi... isso era critério para me respeitar? Para poder dialogar? Para não boicotar? Para respeitar as pessoas? Que não era respeitar nem a mim, era às outras pessoas, às crianças principalmente. E aí eu falei: “Eu tenho que ficar aqui mesmo com elas”.

FELIPE: Apresento a segunda entrevistada dessa história. Maria Inês R. de Gouvea Garcia, que carinhosamente é chamada de Inês. Participou ativamente das Mães dos Jogos na EMEIF Maria da Graça de Souza na Vila Floresta. Foi mãe de aluna naquela época e ao longo dessa conversa/história Inês nos conta como começou a participar do projeto, como era a rotina e enfrentamentos dessas mães na escola e como o projeto contribuiu para a sua formação.

INÊS: Eu participava das reuniões de pais, sempre tava por dentro da lição das crianças, mas não passava disso. Eu achei muito interessante uma fala da Adriana na época: “Eu não quero mãe e pai servindo cachorro-quente em festa junina, eu quero muito mais que isso, eu quero que o pai e a mãe participe da escola, saiba o que o filho tá aprendendo, ajude de alguma forma a comunidade”. E isso achei muito interessante também, foi um dos motivos que eu acreditei nesse projeto aí.

ADRIANA: Eu já tinha feito alianças com a comunidade, a gente tinha feito a primeira festa junina, que foi um baita sucesso, a gente tinha feito coral, mas ainda não tinha escola aberta, foi no outro ano em 2001. Mas a gente já tinha um movimento grande das famílias ali dentro, a gente já deixava aquele portão aberto. Eu comprei do meu do meu bolso as tintas para mudar a cor daquela escola, porque ela tinha cor de cadeia. Eu não conseguia conceber que a escola pudesse ser da mesma cor que a cadeia, não dá,

aquela escola precisava de vida. Eu sofri aquela retaliação das professoras do tipo: “eu não quero a minha sala verde, eu não quero a minha sala rosa”. Elas tinham aquela coisa também dos armários: “o meu armário...”, eu dizia: “o seu armário tá na sua casa, esse armário é da escola”. Materiais guardados dentro dos armários, e eu dizia: “Isso aqui é de acesso dos seiscentos, você tá limitando o acesso para trinta”. Então isso incomodou muito, porque eu cheguei para colocar caos na ordem né, na verdade eu não fui colocar ordem no caos, eu fiz o inverso porque as coisas estavam bem assentadas. Fiz o fundamental ficar no fundo da escola e o infantil ficar ali perto dos banheiros, as professoras diziam: “a minha sala é essa, eu estou aqui faz vinte anos”, eu respondia: “a sua sala tá na sua casa, você faz o que você quiser dela, essa sala é da escola, a organização administrativa da escola vai ser assim, e você vai para lá”, isso incomodava muito. Professora que sumiu com o diário, porque ela tava com os alunos fantasmas e era uma prática comum naquela escola, que em 2001 eu soube sem querer. Isso é crime. Esse foi um dos motivos que eu tive que ir embora de lá, porque escancarar essas coisas não faz bem para nenhum dos lados, nem para a administração e nem para as professoras. Porque isso é passível de ser exonerado a bem do serviço público, e ninguém teve culhão para fazer isso. Porque nessa coisa de alternância de poder, hoje o meu partido ganha e eu sou chefe, amanhã o seu partido ganha e você é chefe e me ferra. Então é uma terra de coronel e eu nunca tive rabo preso com ninguém, eu não entrei por cargo político, para mim tanto fazia, eu não tinha o que temer. O meu lugar é na sala de aula, eu só fui ser diretora porque era o único jeito de mudar alguma coisa. Aí no segundo ano que eu tava na escola, a participação das mães era muito grande, tava efervescendo. Tinha mãe de manhã, tinha mãe de tarde, e aquela comunidade tava ali pedindo para entrar na escola.

E aí começaram vir ideias da gente fazer escola aberta e aproveitar os próprios meninos, que eram vocês (turma da terceira série de 2000), para irem educando as gerações mais novas, ensinando outras coisas, fazendo teatro, sendo referências positivas, referências diferentes que esses meninos podiam ter onde eles estavam. E tinha você (Felipe), tinha o Jefferson, tinha mais um grupinho. Mas você e o Jefferson principalmente, vocês amavam ficar na escola. Perguntavam: “mas vai ficar aqui fazendo o que?”, eu respondia: “escola, eles vão fazer atividade, eles vão ter outras coisas para fazer”. Aí a filha da Maria veio ensinar a bordar com fita, aí o outro ensina não sei o que, eu tive a ideia para fazer sabonete, “vamos chamar a mãe de não sei quem”, que era super

resistente, para fazer oficina de bolo para as outras mães, e ela começou a gostar da escola e começou a vir.

FELIPE: Apresento a terceira e última entrevistada. Juliana Gouvea Garcia, filha da entrevistada Inês e minha colega de turma da segunda até a quarta série entre os anos de 1999 a 2001. Juliana nos conta a experiência de aluna naquele período, de filha de uma das mães do projeto Mães dos Jogos. E também como foi ir para outra escola após concluir a quarta série.

JULIANA: Nossa eu amava, a gente ficava na escola o dia inteiro, eu lembro que a gente estudava de manhã e aí nossas mães levavam Marmitinha. A gente ficava lá a tarde inteira brincando, eu, você, o Jé, a Janete. Eu amava ficar lá, a gente brincava bastante e também tinha as atividades extracurriculares.

ADRIANA: Eu decidi que agora era hora de fazer jogos. As crianças ficavam confinadas dentro da sala de aula, ou elas iam para outros espaços e ficavam jogadas. Não tinha uma intervenção pedagógica no momento em que elas estivessem confinadas na mesa dentro da sala de aula. E aquilo era uma necessidade, aquilo era um incômodo muito grande para mim principalmente. Eu não via uma contação de história com qualidade, eu não via as professoras lerem em voz alta com fluência para ser um modelo para essas crianças, eu não via o lúdico dentro da sala.

Eu via muitos pequenos com apostila, os pais que não tinham dinheiro, tinham que se virar. Em uma escola pública? Como a gente tá fazendo isso? Cada porta é uma escola? Não pode ser, uma escola é um projeto pedagógico só, a gente tem um projeto político pedagógico e a gente tem que saber o que a gente quer. Qual é a missão dessa escola? Quais são os nossos valores? Essa escola disputa o destino desses meninos, e essa escola luta por esse território, e ela não quer transformar esse território no território que vocês professoras moram, se vocês moram em outros bairros mais privilegiados, o território aqui é outro. A gente tem que empoderar esta comunidade para atuar nesse território e transformar aqui para melhor. Não adianta transformar esses em outros, porque esses são esses.

INÊS: A comunidade não tem que ficar fora da escola tem que estar participando. E com a participação das Mães dos Jogos a comunidade entrou na escola, não foi só para entregar cachorro-quente, foi para conhecer o trabalho da escola, a importância da escola,

a importância de saber da outra e do outro né, do trabalho dos professores. Lógico que mudou minha relação com a escola, e eu acho que os professores também de algum modo mudaram com as crianças. A Adriana acreditava muito em jogos e brincadeiras né, e ela propôs isso para nós e eu sempre gostei, eu sempre achei mesmo que a brincadeira tem que ser introduzida na educação. Eu sempre acreditei na educação através da brincadeira, do lúdico né, e quando ela propôs isso em reunião de pais, meu filho já tinha dois anos e já tinha saído da fralda, e eu falei eu vou topar, porque eu acredito nesse projeto.

No começo tinham várias mães, eu não lembro quantas né, tinha uma mãe muito presente que era a Adevanira que ela tinha uma criatividade maravilhosa, a Vera na contação de histórias, a Leninha também na contação de histórias. Eu sempre falo que elas não precisavam de muita coisa, tinha um papel e uma tesoura, pronto, já fazia a atividade e eu admirava muito isso.

Fotografia 1: Mães de alunos fazendo contação de histórias na biblioteca da EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André.



Fonte: Arquivo pessoal, 2000.

Fotografia 2: Mães de alunos fazendo contação de histórias na biblioteca da EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André.



Fonte: Arquivo pessoal, 2000.

INÊS: E aí nós começamos, eu acreditei, no começo eram várias mães e depois foi diminuindo ou pelas crianças que iam saindo, ou outros motivos. E era legal porque a gente se reunia, era um trabalho voluntário, e para nós era uma responsabilidade muito grande, então se não me engano acho que era duas ou três vezes por semana, nós não faltávamos, tinha essa responsabilidade. No projeto, nós planejávamos, tinha jogos fabricados por nós, ou até às vezes pelas crianças, trabalhávamos com reciclável também. Nós chegávamos no professor e perguntava: qual a dificuldade maior dos seus alunos? E aí eles falavam, e a gente planejava do nosso jeito o que a gente daria para cada sala. Era muito legal, era um trabalho muito produtivo, que até hoje eu uso esse conhecimento nas minhas aulas.

Fotografia 3: Algumas das mulheres que participaram do projeto Mães dos Jogos. Detalhe da camiseta que diz: “SOU VOLUNTÁRIA porque acredito na educação”.



Fonte: Arquivo Adriana Rieger, 2001.

ADRIANA: As mães foram comprando essas ideias, também foram se achando capazes. A Sheila tinha três filhos na escola, ela não se sentia capaz de fazer essa mediação com os meninos, era muito tímida, ela achava que podia ir para limpar as prateleiras, para forrar as caixas, até de construir os jogos, ela podia olhar os meninos para ninguém se machucar, ela podia levar no banheiro, podia segurar. Mas ela achava que não estudou para isso. A Clara era uma mulher muito forte, mãe do Marcos, muito esclarecida, era

muito calada, ela era muito observadora, botava ordem, e era do tipo que empurrava do precipício quando via que o outro podia voar. Então ela ficava com a Cibele por exemplo, ela ficava no esteio da Cibele: “a gente vai junto. Você segura a corda de um lado e eu seguro do outro”.

Então você começava ver movimentos entre elas, a gente começou a constituir ali uma comunidade colaborativa de aprendizagem. Não só dos meninos mas também desses adultos, a gente foi construindo uma rede, uma comunidade de aprendizagem, que infelizmente não se expandiu para os docentes, porque até alguns funcionários entraram nessa rede. A Júlia, eu tinha uma foto muito emblemática, ela com a vassoura debaixo do braço parada, ela tava orientando alguém a andar no banco, uma pequena, a foto tá ela falando para a menina por um pé na frente do outro. Até a Júlia, que mal sabia escrever o nome, semialfabetizada, começou a se descobrir educadora e começou a perceber que a intervenção dela também era importante para os meninos crescerem, para se desenvolverem, e para aprenderem. Que ela também tava comprometida com a sociedade a partir do trabalho dela, que o trabalho era muito além de varrer e deixar limpo para os meninos transitarem, mas que ela podia sim falar: “pode por um pezinho na frente do outro, vem com calma”. Em seguida ela põe a vassoura no chão, que a menina tinha medo de pisar pé ante pé, a Julia vai e dá a mão para a menina. A criança precisava se sentir acolhida e segura, e qualquer um podia cumprir esse papel e ela foi e fez.

Fotografia 4: Julia que trabalhava na equipe de limpeza da EMEIF Maria da Graça de Souza de costas com a vassoura na mão e conversando com a menina, no momento em que as Mães dos Jogos faziam a aplicação de um circuito.



Fonte: Arquivo Adriana Rieger, 2001.

ADRIANA: O pai do Milton e da Cibeles, por exemplo, ele começou nos dias que ele tinha folga, porque ele trabalhava à noite, ele vinha para participar dos jogos na sala do pequenininho porque era muita coisa corporal, eu me lembro que ele segurava o banco com as duas mãos, ele começou a perceber que ele também podia contribuir. Tinha avó que vinha, tinha muita gente que você nem imaginava que um dia ia querer participar da escola, e que as pessoas também nem imaginavam que um dia podiam participar daquele jeito, que isso ia ser bom. Que essas pequenas coisinhas iam impactar a vida daqueles sujeitos, que eles também estavam transformando o mundo a partir da sua atuação no mundo.

INÊS: Tinha um lema entre nós, que a gente não devia proteger o nosso filho, é porque tem isso mesmo né, não tem jeito, muitas vezes nós percebemos que algumas mães participavam das Mães dos Jogos para ver como seu filho tava na escola, como que tá se comportando, como o professor lidava com ele, e não era esse o objetivo. O objetivo era diminuir as dificuldades das crianças mesmo, a gente sempre orientava os nossos filhos: “Olha, aqui eu não sou sua mãe, sua mãe tá lá em casa, aqui eu sou mãe de todo mundo”.

Eles sabiam disso e a maioria das mães tinham essa consciência de lidar com todos do mesmo modo.

JULIANA: Eu lembro e eu falava para todo mundo, essa moça aí é minha mãe entendeu, a minha mãe é Mãe dos Jogos.

FELIPE: Trago a você leitor, a seguir, a interlocução do relato de uma parte importante nessa história, a parte artística. As ações artísticas aqui relatadas foram elaboradas por uma mãe de aluno e essa interlocução sobre essas ações estão cruzadas com a lembrança do Felipe daquela época, que tinha mais ou menos de oito para nove anos de idade.

Tinha também a Maria Fulô que tinha um violão pintado todo de branco por ela mesma com tinta acrílica, ela tinha desenhado uns retalhos no violão e abaixo dos retalhos a sua assinatura “Maria Fulô”. Eu me lembro que ela usava um colete vermelho e amarelo com formas geométricas. Contaçõ de histórias era o que ela sabia fazer de melhor, ela sempre levava suas caixas coloridas que tinham dentro os objetos da contaçõ, eu me lembro dela guardando objeto por objeto dentro da caixa, sempre animada. Não tinha um que se dispersava, os olhos dela ficavam de um jeito que parecia que ela conseguia ver tudo o que estava acontecendo na hora da contaçõ, parecia que Maria Fulô não falava só com a boca, não só com a palavra falada, mas com os olhos, com as mãos e todo o seu corpo. Mas isso não era segredo para mim, eu sabia o porquê de Maria Fulô ter aquele olhar, era porque ela também ouvia com os olhos. Ela contava a história da *A bruxa Salomé*⁵, aquela que perdeu o pé, e todas as vezes não tinha um que não se assustava. Ela olhava bem para o público, fazia uma pausa e dava um baita susto depois, era a melhor parte. Às vezes as pessoas chamavam ela de Bruxa Salomé pelo jeito dela de contar essa história.

Maria Fulô é o nome artístico de Vera de Souza Vidal, que é minha mãe, artista e deficiente auditiva. Durante a gestão da diretora Adriana Rieger, a Vera fazia formação em atuação na ELT⁶, oficina livre de teatro no SESI Santo André e magistério na Escola Estadual Dr. Celso Gama, em Santo André. Ela teve uma breve participação nas Mães

⁵ WOOD, Audrey; WOOD, Don. **A bruxa Salomé**. Tradução: Gisela Maria Padovan. 9.ed. - São Paulo: Ática, 1999.

⁶ Escola Livre de Teatro, em Santo André.

dos Jogos e contribuiu com uma parte muito importante dessa história, a parte artística que além de contações de histórias, dirigiu peças de teatro entre 2000 e 2001 na escola com os alunos, período em que eu estava na terceira e quarta série.

A Vera dirigiu o espetáculo *Os Saltimbancos*⁷ em 2000, a ideia surgiu por conta do estágio obrigatório do curso do magistério, Vera fez o estágio na EMEIF Maria da Graça de Souza e ao invés de fazer um estágio tradicional e acompanhar o cotidiano de determinada turma, Vera resolveu propor de fazer uma peça/coral com alunos da segunda e terceira séries para a diretora Adriana, que autorizou. Vera dirigiu a peça de modo que as quatro personagens principais: o Jumento, o Cachorro, a Gata e a Galinha fossem quatro coros que foram escolhidos pelos próprios alunos em qual coro entrar.

JULIANA: Para mim foi muito importante, porque eu era, eu sou uma pessoa envergonhada né, mas quando eu era criança eu era bem mais. Eu era bem gordinha, cabelinho curto e todo mundo me zoava na escola. Isso me ajudou a destravar e eu acho que foi muito importante, até hoje um pouco do meu destravamento é porque eu fazia teatro com a tua mãe. Nossa lembro, ninguém queria ser Galinha eu não entendia qual o problema de ser a Galinha, sabe!?

⁷ Os Saltimbancos é uma fábula musical inspirada no conto dos irmãos Grimm "Os músicos de Bremen". Os Saltimbancos é um disco infantil com músicas compostas por Luis Enríquez e adaptadas por Sérgio Bardotti, tradução: Chico Buarque, 1977.

Fotografia 5: Apresentação da peça/ coral Os Saltimbancos, na câmara dos vereadores de Santo André. Em destaque Juliana Gouvea Garcia, a entrevistada, interpretando a personagem Galinha.



Fonte: Arquivo pessoal, 2000.

FELIPE: A temática do espetáculo foi para dentro de sala de aula, os conteúdos foram relacionados à peça pelas professoras que aderiram ao projeto. Me lembro da professora Mara em horário de aula trazer conteúdos de língua portuguesa enquanto nós decorávamos as letras das músicas. As Mães dos Jogos e a professora Mara se envolveram na produção da peça/coral, conseguiram as camisetas brancas para que o elenco formado

pelos alunos pintasse as personagens escolhidas da peça/coral, a comunidade levava os alunos nos contra turnos para os ensaios e apresentações, que foram na Fundação Santo André⁸, na câmara dos vereadores de Santo André e no Teatro Municipal de Santo André, além de outras EMEIF's da rede. No ano seguinte houve mais uma edição do projeto de peça/coral, também dividindo os alunos em coros e a produção por conta das Mães dos Jogos. A peça/coral foi Pindorama inspirado na música de mesmo nome do grupo Palavra Cantada⁹ em 2001.

Eu lembro também que a Vera trouxe uma vez para uma reunião de pais uma cena cômica sobre o cotidiano de um casal em que o marido era aposentado de uma fábrica e a esposa dona de casa, já que o ABC Paulista é uma região onde se instalaram muitas montadoras automotivas a partir da década de 1950. A Vera havia atuado nessa cena em uma peça na ELT e convidou um pai de aluno, que era mecânico de carro e que estava envolvido na escola para atuarem na cena. E Por último, Vera dirigiu uma peça cômica sobre conflitos familiares escrita e dirigida por ela em 2001 com o elenco de alunos da quarta série, apresentado na própria escola no final daquele ano.

JULIANA: Eu lembro, foi quando eu fiz a velhinha numa peça de família, nossa, acho que você (Felipe) era o filho rebelde não era? Eu era vovó, e o mais legal é que além do fato de na escola todo mundo participar, na minha família todo mundo participava, porque tipo assim, a minha tia fazia minha maquiagem, a minha vó me deu o xale.

FELIPE: Eu me lembro de ver dentro e fora da escola os processos de criação artística teatral que Vera, ou Maria Fulô, faziam com a comunidade que já estava na escola, muitas pessoas se envolveram no fazer artístico teatral, fosse atuando, produzindo ou assistindo às peças. Esse movimento artístico teatral feito por Vera que eu tive a sorte de testemunhar, atuar e experimentar junto da comunidade na escola, sem dúvidas me influenciaram na escolha pelo curso de licenciatura em arte - Teatro na UNESP e me possibilitou enxergar e ter parâmetro de que é possível fazer arte em escola pública envolvendo a comunidade.

⁸ Instituição de ensino superior na cidade de Santo André.

⁹ Grupo musical que compõe músicas para crianças.

E a Maria Fulô? Ela, continuou contando histórias por aí por um ou dois anos depois que eu fui para a quinta série no Calvitti¹⁰, mas já não era mais a mesma coisa, Maria Fulô sentia falta da comunidade que tinha dentro da EMEIF Maria da Graça de Souza... O tempo passou e Maria Fulô tentou se inserir em outras escolas, para tentar fazer outros projetos artísticos teatrais. Mas viu que não tinha espaço, então decidiu que não ia mais contar as suas histórias.

Fotografia 6: Maria Fulô, nome artístico de Vera de Souza Vidal, contando histórias na EMEIF Maria da Graça de Souza.



Fonte: Arquivo pessoal, 2002.

ADRIANA: As outras pessoas que não entendiam aquele movimento achavam aquilo um absurdo, e diziam: “O que a faxineira tá se intrometendo na minha aula?” Então, gerava uma coisa na comunidade de começar a cobrar a escola, a comunidade

¹⁰ Escola Estadual Prof. José Calvitti Filho, de fundamental II e ensino médio em Santo André, SP. Ao lado da EMEIF Maria da Graça de Souza.

começou a cobrar qualidade, começou a cobrar o que é de direito dela. Isso foi incomodando muitas esferas. Esse foi um dos motivos de eu ter sido “convidada”, convocada a sair, “ou sai, ou sai”. E aí não tinha como eu ficar mesmo, eu não ia ter como agir, não ia ter como atuar, eu simplesmente ia murchar ali. Eu descobri que quando eu saí, as coisas foram aos poucos, encolhendo e voltando a ser como elas eram, então teve mudança, e não transformação.

INÊS: Foi difícil, as professoras não acreditavam. Porque é muito difícil você trazer o estranho para dentro da sua escola, trazer a comunidade para a escola é um trabalho a mais né. Na minha opinião elas não acreditavam muito nos jogos. É aquela educação tradicional que a gente fala né, dá o conteúdo lá daquele jeito e pronto e acabou, e a gente tinha uma proposta diferente. Uma que você tinha uma pessoa diferente na sua escola, na sua sala, que talvez não tivesse o mesmo conhecimento, isso é verdade, mas elas não acreditavam no trabalho dos jogos, então muitas vezes a gente entrava na escola e na sala de aula e as professoras deram as costas para mim, e a gente não tava nem aí. Porque a gente acreditava no que a gente tava fazendo, entendeu, a Adriana que dava todo apoio.

Então a gente entrava na sala, muitas vezes as professoras não passavam o que precisavam, então a gente imaginava quais as dificuldades das crianças e a gente dava os jogos, a gente comentava, e a gente não tava nem aí, porque a gente acreditava no projeto. Mas foi difícil, não vou falar para você que foi fácil não, foi muita convicção do que a gente tava fazendo, sabe, e o que importa é as crianças que estão lá dentro. No final elas aceitaram melhor, entendeu, mas isso foi depois de uns três anos, porque eu fiquei três anos lá dando jogos.

A Adriana acabou saindo e nós continuamos com a mesma convicção. O que aconteceu é que cada mãe o filho foi saindo, e a gente não conseguiu passar isso para outras mães que estavam entrando né. E aí então eu acho que o projeto foi meio que acabando, e eu vejo hoje que não tem mais, há muito tempo atrás eu fui lá na escola porque como eu trabalhava no abrigo Lar São Francisco de Assis¹¹, eu levava as crianças para a

¹¹ Lar Escola São Francisco de Assis, espaço da Prefeitura de Santo André voltado para o acolhimento de crianças e adolescentes em medida de proteção judicial.

EMEI, então eu continuei com uma ligação com a EMEI ainda muito tempo depois, mesmo no abrigo. E eu ainda vi os jogos das Mães dos Jogos lá no quartinho.

Fotografia 7: Quartinho onde eram guardados os jogos fabricados, chamado de QG.



Fonte: Arquivo Adriana Rieger, 2001.

FELIPE: Extra! Extra! A matéria *A jogada da rede*, 2003, saiu no jornal do Diário do Grande ABC¹², sobre as Mães dos Jogos na EMEIF Maria da Graça de Souza na Vila Floresta em Santo André, segue imagem da matéria e texto:

¹² Jornal da região do Grande ABC paulista, zona metropolitana da cidade de São Paulo.

Matéria de jornal 2: Matérias “O JOGO também ensina” e “A jogada da rede” onde é relatado a importância dos jogos na educação e o projeto Mães dos Jogos na EMEIF Maria da Graça de Souza.

Quarta-feira, 10 de outubro de 2003

DIÁRIO NA ESCOLA
SANTO ANDRÉ

O educador Tião Rocha fala sobre o Bernal, projeto que utiliza jogos para auxiliar em diversas situações de aprendizagem

Para ele, o jogo é ótimo instrumento de educação que promove uma interação prazerosa entre alunos e professor

O JOGO também ensina

Tião Rocha é antropólogo, folclorista e educador, presidente e fundador do CPD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento), ONG de Belo Horizonte, Minas Gerais, realiza trabalhos educativos por todo o país. Na rede municipal de ensino de Santo André, presta assessoria para os projetos Sementinha e Bernal de Jogos. Ele diz que “o jogo é um dos grandes instrumentos da educação pois ensina por meio da brincadeira e proporciona uma interatividade interessante, uma relação prazerosa, entre alunos e professores”. “As crianças precisam brincar e se divertir, mesmo na hora de aprender”, afirma.

Segundo o educador, o CPD foi fundado em 1984 com a missão de promover educação popular e o desenvolvimento comunitário a partir da cultura, tomada como matéria-prima de ação institucional e pedagógica. Para cumprir esta missão, o CPD desenvolve diversos projetos educacionais.

“Trabalhamos com crianças desde quatro, cinco anos de idade no projeto Sementinha, passando por meninos de 17 anos, até projetos que envolvem jovens e adultos. O Bernal de Jogos nasceu dentro do projeto Ser Criança”, explica.

O Bernal parte do pressuposto de que é possível aprender com brincadeiras, através de atividades lúdicas e divertidas, diz Tião. “É possível aprender tudo, qualquer conteúdo através dos jogos. Nós realizamos uma ação complementar à escola no projeto Ser Criança e passamos a ensinar brincando. Começamos a utilizar jogos adaptados para desenvolver os conteúdos. Por exemplo, criamos um jogo de damas onde o tabuleiro apresentava uma série numérica e as peças

...oficinas, que os educadores criam ou adaptam jogos a partir das dificuldades em sala de aula para auxiliá-los no processo de aprendizagem. “35 temos inclusive jogos sobre cidadania, respeito, direitos humanos, sexualidade. Todo tipo de dificuldade pode ser trabalhada. Procuramos desenvolver mediadores de avanço para avaliar se os jogos estão realmente sendo aproveitados pelos participantes. Avaliamos junto às crianças o grau de coerência, harmonia, apropriação, dinamismo, criatividade, eficácia, estética, felicidade, oportunidade e transformação de um jogo.”

Uma das principais questões para o sucesso de um jogo, de acordo com Tião Rocha, é que ele mantenha-se “lúdico, divertido, estimulante, instigador, bonito e atraente, mesmo usado para ensino e não pode virar cartilha”, diz.

Tião defende que o educador precisa sentir que o material lúdico é bom. “O professor precisa entender que o jogo é um facilitador do contato entre ele e os alunos. Um instrumento de comunicação. Se o educador for um sujeito emburrado, carrancudo, o jogo perde o prazer e a alegria, ainda assim, continua sendo mais divertido que uma cópia de texto. Portanto, o professor precisa entender que o aprendizado deve ser gostoso”. O presidente do CPD também afirma que os jogos auxiliam professores inseguros. “Ele cria um clima para que os educadores fiquem mais à vontade. Sem aquela obrigação de responder à expectativa de ser mestre, sabe-tudo. Propicia uma relação mais afetiva com os alunos.”

Hoje o projeto Bernal está presente em vários outros municípios, inclusive em Santo André, incentivando, com a realização de

Aluna da Emeif Maria da Graça de Souza brinca durante atividade promovida pelas mães dos jogos.

A diretora Cecília Barbazia mostra o Bernal de Jogos utilizado na escola

Fale com @gente
hubern@diariomaiscola.com.br
Tel: 4996-1993

Indicação pedagógica – Lúcia Hübner Edição – James Capel Diagramação – Alexandre Elias Diário na Escola – Santo André é um projeto do Diário em parceria com a Secretaria de Educação e Formação Profissional de Santo André.

Fonte: Diário do Grande ABC

Cecília Barbazia, diretora da Emeif Maria da Graça de Souza, na Vila Floresta, em Santo André, conta que o Bernal de Jogos é utilizado na escola há quatro anos. “As crianças têm muitos ganhos com os jogos. Os professores percebem melhor as atitudes dos alunos e têm mais

subsídios para conhecer as crianças. O lúdico também faz parte da aprendizagem”, diz.

Segundo Cecília, a utilização do Bornal foi uma iniciativa da diretora que a antecedeu. “Ela foi atrás do projeto e trouxe para cá. E implantou um trabalho que promoveu a integração com mães de alunos também. Duas vezes por semana, elas vêm para a escola em horário de aula e desenvolvem jogos com todas as crianças do ensino Infantil e Fundamental.” São 50 minutos de atividade com cada classe. A diretora explica que as professoras passam para as mães as dificuldades que enfrentam na sala de aula e elas desenvolvem os jogos para auxiliar naquela situação. “As mães criam os próprios jogos além daqueles do Bornal.”

São seis “mães dos jogos”, voluntárias que trabalham divididas em três no período matutino e três no vespertino. “Elas trabalham com ensino infantil às quartas feiras e com o fundamental às sextas”, explica Cecília. Para ela os jogos apresentam bons resultados. “As crianças demonstram mudanças visíveis, têm mais companheirismo e adoram as atividades lúdicas, elas esperam ansiosas pelo dia dos jogos. Além disso, as mães estão até fazendo um trabalho de sensibilização com alunos mais agressivos.”

De acordo com a diretora, os jogos fazem parte do planejamento da escola. “Em todas as reuniões pedagógicas semanais eu incentivo os professores a trabalhar os jogos com as mães. Também promovemos avaliação dos resultados.” Ela acrescenta que mesmo os educadores mais resistentes, ao longo do ano acabam se envolvendo no projeto Bornal desenvolvido pelas mães de alunos.

Lucília de Oliveira, 37 anos, um filho na 2ª série do 1º ciclo e outro na 1ª série do 2º ciclo, é uma das “mães dos jogos” há quatro anos. “Fiz um curso com o pessoal do CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento) e aprendi sobre dinâmica, jogos de percurso e adaptação dos jogos. A partir do que as professoras pedem nós desenvolvemos a atividade. Por exemplo, podemos adaptar um bingo para desenvolver conteúdos como matemática ou alfabeto. O Bornal traz cerca de 100 jogos, mas não usamos todos, às vezes criamos os nossos. O que vem no Bornal é uma ficha explicando como é o jogo e como ele deve

ser montado. Usamos material reciclado para prepará-lo. Os resultados da utilização dos jogos são ótimos. Com os meus filhos eu já sinto a diferença, mas é o sorriso das crianças que fala tudo.”

Cecília lembra que os pais que não conhecem bem o projeto apresentam alguma resistência por não entenderem que a brincadeira faz parte do processo de aprendizagem, mas as seis mães dos jogos fazem uma boa publicidade. “Elas vão às outras escolas e mostram como é o trabalho com jogos. A escola não pode ser fechada. Dizem que o ensino público é fraco porque não conhecem nosso trabalho, por isso é importante a propaganda das mães. A comunidade dentro da escola é o diferencial do ensino público municipal”, conclui. (O JOGO também ensina; A JOGADA da rede, 2003 p.3).

JULIANA: Eu fui para o Calvitti e eu me sentia totalmente deslocada, porque tipo, uma que ninguém me conhecia e outra porque eu tava totalmente sozinha. Sei lá a gente era amiguinho de escola, mas era mais que isso, entendeu, a gente ia um na casa do outro, era diferente né. No Calvitti, a gente não tinha esse negócio assim de popular, sabe essas coisas? Não sei se é por causa da fase da idade ou é meio que era diferente. A gente brincava com as filhas da “prô” Mara, a gente ia na casa da “prô” Mara.

INÊS: Eu tinha a minha vidinha em casa, as Mães dos Jogos foi uma oportunidade para mim né, eu fui lá e tive conhecimento de como funciona uma escola, como funciona a parte pedagógica de uma escola, ter vida social também, porque aí eu tive várias amizades lá, participava do conselho, então teve uma diferença muito grande, aprendi muita coisa lá. Depois aí eu gostei da Educação, eu fui educadora no Lar São Francisco e me formei em pedagogia, aí eu fiquei lá 13 anos. Depois eu saí de lá, fiz concurso um tempo atrás pela prefeitura de São Bernardo¹³, passei, depois eu fiz alfabetização e letramento e tô terminando história agora né. Então você vê como mudou minha vida, isso foi tudo porque lá trás alguém abriu as portas, entendeu. E é isso o que eu trabalho também na minha escola, eu trabalho essa referência né.

¹³ São Bernardo do Campo, cidade na região do ABC Paulista, zona metropolitana da cidade de São Paulo.

ADRIANA: Eu aprendi muita coisa nesse processo, muita coisa que eu devia ter feito diferente, muita coisa que eu faria exatamente como eu fiz, mas eu aprendi muita coisa. E o mais bonito foi ver que muitas das pessoas que participaram desse projeto se transformaram depois em educadoras e professoras, que se descobriram nesse lugar. Saíram daquela condição de sombra, para virar protagonista da própria história, é muito simbólico isso. E aqueles meninos, você (Felipe) é um dos meninos, eu via felicidade no olho desses meninos, e eu via a vontade e aquela invejinha dos meninos que não tinham as mesmas oportunidades que vocês tinham, porque os professores não aderiram. Por exemplo, a turma da tarde morria de vontade de ser a turma da manhã.

Eu sempre me achei roceira, tem gente que se vangloria e fica feliz por colher flor, e é irônico, porque eu acho que flores acabam me encontrando depois na vida sabe, eu acabo encontrando as flores ou sentindo perfume delas, nem que seja de longe. Mas eu sempre me senti a roceira, que vai primeiro, que mexe na terra, que tira as plantas daninhas, que planta, e aí se não brota vai de novo, e cuida, e joga água, e deita em cima, e fica ali até brotar. E aí quando brota, eu já cumpri meu papel. Eu tenho que caminhar para continuar a fazer essa aragem em outro lugar. E sempre acreditando que o que for de verdade vai brotar e vai vingar, que as coisas levam tempo. Talvez o meu tempo de vida na Terra não seja mesmo suficiente para transformar essas coisas, mas por exemplo, estar aqui falando com você agora, me enche de emoção. Porque eu tenho certeza, que, pelo menos algumas sementes vingaram e cresceram forte, que vão brotar outras sementes de você e que isso vai germinar. Então a minha passagem por essa vida não foi em vão, e se eu só tivesse encontrado você eu teria a certeza de que valeu a pena. Valeu muito a pena.

FELIPE: Bate bola, uma lembrança?

ADRIANA: A alegria nos olhos, não só das crianças não, a alegria nos olhos das pessoas que conviviam naquela escola. É muito nítida essa lembrança, é muito forte para mim. Porque os olhos de quem tá feliz, de quem se sente acolhido, aceito, é diferente, brilha diferente.

JULIANA: As apresentações, é o mais marcante.

FELIPE: um cheiro?

INÊS: Ah, eu acho que o cheiro da paz.

JULIANA: Ai, a areia do parquinho.

ADRIANA: Eu me lembro dos sabonetes, da gente fazendo as oficinas de sabonete, que tinha hora que era até enjoado de tanto fazer sabonete. Um cheiro doce que fica né.

FELIPE: um sentimento?

INÊS: Gratidão

JULIANA: Gratidão e saudades.

ADRIANA: Muita gratidão. Gratidão demais por ter vivido tudo isso, por ter conhecido essas pessoas e por reencontrar você depois de tanto tempo. E sentir tanto orgulho de saber que você lembrou de mim, que eu fiz parte da sua história de um jeito bom. Porque eu podia ter impactado você de um jeito muito ruim, e você nunca teria esquecido de mim por eu ter te ferido de um jeito que fosse impossível que você me esquecesse. Eu sempre tive muito medo disso, eu fui privilegiada por ter vivido esse processo, eu tenho gratidão de ter provocado esse movimento. Porque eu acho que o médico quando comete um erro ele vai para um comitê e ele pode até perder o direito de clinicar e não pode mais ser médico. Agora professor, pode ir dia após dia, matar, enterrar, o sonho de todo mundo e ele se aposenta do mesmo jeito que ele entrou, ele se aposenta ganhando mais do que quando ele entrou e não acontece nada.

ATO II

2 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: uma cama para contar essa história.

Contada a história do projeto Mães dos Jogos e de como este projeto movimentou a EMEIF Maria da Graça de Souza, quero analisar e discutir alguns assuntos que surgiram durante a pesquisa dessa história. Mas lembro a você leitor, que o trato feito anteriormente mantendo a tensão entre escrita e oralidade ainda está de pé, pois haverá momentos de intervenção de trechos das falas das entrevistadas, dispostos em uma diagramação diferente para que visualmente haja a identificação desta intervenção. Nessas intervenções sugiro ler em voz alta e com a intenção de contar a alguém, para que seja mantido a proposta de tensionamento entre oralidade e escrita neste trabalho.

Trago essas discussões para que possam servir de ponto de partida, apoio e guia para o pensamento deste trabalho com base na conversa do ATO I. São três assuntos que discuto a partir da reflexão da história das Mães dos Jogos: o território, o jogo, e a comunidade de aprendizagem. Tenho a intenção de discutir esses assuntos junto a alguns autores que apresento no decorrer das discussões que me ajudaram e me provocaram sobre como trilhar um caminho sobre estes assuntos. Esses pontos de discussão abordados a seguir na ordem em que descrevi a pouco também foram matutados, partindo do território onde se localiza a história dessa comunidade de aprendizagem que vivi, passando pela ação dos jogos que possui regras e objetivos e desembocando na discussão do que foi a construção e representação da comunidade colaborativa de aprendizagem. O objetivo é partir do que é mais palatável e concreto, como um lugar, em direção às relações humanas na escola, mais subjetivas. Deste modo convido você a deitar nessa cama que será construída na minha escrita e na sua leitura.

2.1 Território e comunidade na escola.

Falo do território para começar a construir essa cama apresentando um lugar, para que dê mais concretude, esse lugar é um bairro dentro de uma cidade. O território a que me refiro neste trabalho é a Vila Floresta e alguns bairros do entorno no município de Santo André na região do ABC paulista, zona metropolitana da cidade de São Paulo. Neste bairro fica a escola EMEIF Maria da Graça de Souza que existe até hoje, mas com o nome de CESA¹⁴ Vila Floresta. Pensar nesse assunto “território” nesse caso é fazer associação também do vínculo que a comunidade tem com o território e vice-versa e, portanto, pensar em quem frequentou essa escola no período entre os anos de 2000 e 2001, seja na figura de alunos, professoras, diretora, funcionários, mães, avós, tias e pais. Para essa discussão sobre território trago o documento *Currículo da Cidade: educação infantil*, SÃO PAULO (SP), 2019, escrito a muitas mãos, que propõe a reflexão aos educadores do ensino infantil e fundamental primeiros anos de modo que em determinado momento o documento aborda práticas pedagógicas do território em que o espaço da escola está inserido, e sugere o território como prática pedagógica, apontando seus desafios e possibilidades. Trago também Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 2014, onde em sua última obra Freire traz a reflexão sobre a prática entre educadores e educandos em muitas camadas.

Para começar quero estabelecer um paralelo entre o território e comunidade a partir de um trecho em que o *Currículo da Cidade: educação infantil*, SÃO PAULO (SP), 2019, define território na perspectiva do geógrafo Milton Santos, 2001. “[...] o território usado é um espaço geográfico e social que contém a vida humana em suas peculiaridades, diversidades e similaridades.” (SANTOS, 2001 *apud* SÃO PAULO, 2019, p.24). Dessa forma, o território que discuto aqui representa tanto a comunidade e sua identidade quanto a localidade. Existe um sentimento de pertencimento, tanto do território para a comunidade quanto da comunidade para o território, fazendo com que se tenha influência mútua entre estes dois elementos, o geográfico e o social.

¹⁴ Complexo de Educacional de Santo André.

Feito esse paralelo entre comunidade e território, quero trazer também para a discussão o espaço da escola que está inserido no território, mas que não necessariamente faz parte do território, pois para que o espaço da escola e suas atividades tenha pertença ao território é necessário que a comunidade reconheça este espaço, por esse ângulo:

Cabe à escola, por um lado, propiciar práticas pedagógicas que deem sentido ao território como espaço de pertencimento para relações com a cultura local, com o modo de vida das pessoas, com as suas manifestações culturais, artísticas e nacionalidades diversas e, por outro lado, analisar o território para que os Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) também tenham a identidade dos territórios. (SÃO PAULO, 2019, p. 26).

Intervenção:

INÊS: *Eu participava das reuniões de pais, sempre tava por dentro da lição das crianças, mas não passava disso. Eu achei muito interessante uma fala da Adriana na época: “Eu não quero mãe e pai servindo cachorro-quente em festa junina, eu quero muito mais que isso, eu quero que o pai e a mãe participe da escola, saiba o que o filho tá aprendendo, ajude de alguma forma a comunidade”. E isso achei muito interessante também, foi um dos motivos que eu acreditei nesse projeto aí.*

ADRIANA: *Tinha mãe de manhã, tinha mãe de tarde, e aquela comunidade tava ali pedindo para entrar na escola. E aí começaram vir ideias da gente fazer escola aberta.*

INÊS: *A comunidade não tem que ficar fora da escola tem que estar participando. E com a participação das Mães dos Jogos a comunidade entrou na escola, não foi só para entregar cachorro-quente, foi para conhecer o trabalho da escola, a importância da escola, a importância de saber da outra e do outro né, do trabalho dos professores. Lógico que mudou minha relação com a escola, e eu acho que os professores também de algum modo mudaram com as crianças.*

Antes da intervenção do projeto e da chegada da diretora Adriana Rieger a escola não proporcionava essa prática pedagógica que favorecesse o território e a comunidade, que por consequência o território não tinha lugar de participação no espaço da escola, o território não era pensado de maneira pedagógica. Quando surge

a proposta da diretora Adriana Rieger que a escola fosse aberta à comunidade em horário de aula, a relação entre espaço da escola e território muda.

Intervenção:

INÊS: *Foi difícil, as professoras não acreditavam. Porque é muito difícil você trazer o estranho para dentro da sua escola, trazer a comunidade para a escola é um trabalho a mais né.*

A primeira reação à abertura foi de estranhamento principalmente entre professoras e mães. Nessa perspectiva do estranhamento é possível pensar que a escola era um espaço estranho à comunidade da Vila Floresta e em contrapartida o território personificado na figura das mães era estranho ao espaço da escola. Com esta ação de abertura da escola para a comunidade pela direção, o espaço da escola começa a dialogar com o território no desejo de que fosse integrado o espaço da escola ao território, por essa perspectiva da abertura Paulo Freire coloca, “Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente.” (FREIRE, 2014, p.133). Portanto, a ação pedagógica da EMEIF Maria da Graça de Souza em abrir o espaço para a comunidade, que também é território, no horário de aula resultou na ação de que a escola aderisse de certa maneira a identidade do território em que está inserida, em um primeiro momento na figura dessas mães, gerando na época consciência e reconhecimento na comunidade de que aquela escola, por esta abertura, também fazia parte do território onde se vive, nesse sentido desse movimento de abertura e reconhecimento nesse momento da escola como parte integrante do território da Vila Floresta, trago um trecho de *Pedagogia da Autonomia*, (FREIRE, 2014) que fala da relação da abertura do educador para com o território dos educandos, mas que essa figura do educador colocado por Freire, nessa discussão, entendo como a figura da escola.

Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem compartilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de

minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. (FREIRE, 2014, p. 134).

Intervenção:

ADRIANA: [...] a gente tem um projeto político pedagógico e a gente tem que saber o que a gente quer. Qual é a missão dessa escola? Quais são os nossos valores? Essa escola disputa o destino desses meninos, e essa escola luta por esse território, e ela não quer transformar esse território no território que vocês professoras moram, se vocês moram em outros bairros mais privilegiados, o território aqui é outro. A gente tem que empoderar esta comunidade para atuar nesse território e transformar aqui para melhor. Não adianta transformar esses em outros, porque esses são esses.

JULIANA: Eu fui para o Calviti, e eu me sentia totalmente deslocada, porque tipo, uma que ninguém me conhecia e outra porque eu tava totalmente sozinha. Sei lá a gente era amiguinho de escola, mas era mais que isso, entendeu, a gente ia um na casa do outro, era diferente né. No Calviti, a gente não tinha esse negócio assim de popular, sabe essas coisas? [...]. A gente brincava com as filhas da “pro” Mara, a gente ia na casa da “pro” Mara.

FELIPE: Me lembro de ter o sentimento de pertença ao bairro da Vila Floresta principalmente quando as mães entraram na escola, na minha turma sabíamos onde a professora Mara morava e frequentávamos a casa dela, onde nossos colegas moravam e o que os pais deles faziam, sabíamos onde tinha feira livre, onde eram os mercadinhos, a favela, posto de saúde, o rio, praças, quadras, a igreja católica do Jardim Bom Pastor¹⁵ onde tem quermesse, outras escolas, enfim compartilhamos o bairro.

A partir deste estreitamento proposto por Freire no diálogo entre educador e educando, mas que aqui cabe no sentido da discussão entre o espaço da escola e comunidade. Pois a escola como um espaço que faz parte do território nos fez enquanto alunos reforçar o sentimento de pertença àquela escola. E não o contrário, de que a escola estava descolada do território fazendo com que os alunos não tivessem o direito “de ser” (FREIRE, 2014, p. 134) no espaço da escola, fazendo com

¹⁵ Bairro adjacente à Vila Floresta em Santo André.

que os alunos não pudessem ter o direito de ser a comunidade que existe naquele território. Esse direito negado vai ao encontro da fala da Juliana, que eu compartilho pois eu também fui para o “Calvitti”, que não pensava o território como uma prática pedagógica.

2.2 “dos Jogos”.

Avançando na discussão para além do espaço da escola e sua relação com o território, coloco agora em questão o que foi feito por essas mães neste espaço. Falo aqui “dos Jogos” e como a prática feita pelo projeto Mães dos Jogos afetou as relações entre as mães, professoras e alunos na escola. O projeto tinha como objetivo que as mães fabricassem os jogos, aprendessem a jogar e ensinar os alunos esses jogos para ajudar de maneira lúdica e divertida as turmas com os conteúdos das matérias de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia. Para que diminuísse as dificuldades de aprendizagem dos alunos nos conteúdos das matérias, os jogos eram por exemplo: circuitos com obstáculos, jogos da memória, jogos de adivinhação, jogos com argolas, jogos fabricados com materiais recicláveis, jogos populares, cinco marias, peteca, jogos de rua, jogos de perguntas e respostas, jogos de tabuleiro, jogos de equilíbrio, jogos de equipes, entre outros, “podemos adaptar um bingo para desenvolver conteúdos como matemática ou alfabeto.”(O JOGO também ensina; A JOGADA da rede, 2003, p.3). Esses jogos também eram aplicados em muitos espaços da escola como: pátio, merenda, quadra, nos gramados, biblioteca e sala de aula.

Intervenção:

ADRIANA: *As crianças ficavam confinadas dentro da sala de aula, ou elas iam para outros espaços e ficavam jogadas. Não tinha uma intervenção pedagógica no momento em que elas estivessem confinadas na mesa dentro da sala de aula. E aquilo era uma necessidade, aquilo era um incômodo muito grande para mim principalmente. Eu não via uma contação de história com qualidade, eu não via as professoras lerem em voz alta com fluência para ser um modelo para essas crianças, eu não via o lúdico dentro da sala.*

Agora quero fazer um recorte nessa discussão sobre os jogos e trazer a ação dos jogos de maneira mais ampla. Quero ir além do funcionamento dos jogos e brincadeiras que eram aplicados pelas mães junto aos alunos em si. Portanto coloco esse “dos Jogos” sob o olhar das relações humanas na escola com essa entrada das mães no espaço da escola. Trago para a discussão nesse sentido do jogar como relação o livro: *Pedagoginga, autonomia e mocambagem*, do autor Allan da Rosa, 2013. O livro discute a educação popular a partir de oficinas com o eixo sobre história e cultura afro, ministradas na periferia da cidade de São Paulo, no período de 2009 a 2012. Para começar a falar dos jogos nesse sentido mais amplo, do jogo como relação, traço um paralelo entre o território e o espaço da escola já discutido, e a aplicação dos jogos e brincadeiras pelo projeto em relação com a ancestralidade afro-brasileira sobre o jogar.

Jogar é territorializar, bolar um recentramento, mas na condição de reconhecer outros centros, outras subjetividades, outras presenças simbólicas com que se conversa, como que se abre a sedução do camará ou do instrumento, do objeto ritual, do símbolo nos gestos e nas energias da natureza e das paisagens dos tempos. (ROSA, 2013, p. 33).

Dessa maneira podemos entender que a ação dos jogos e brincadeiras aplicados pelas mães, territorializaram e trouxeram a identidade da comunidade do entorno para o espaço da escola. Os jogos ressignificaram as práticas pedagógicas dentro e fora de sala de aula, contribuindo para que a relação entre alunos, professoras e mães ganhassem outros significados, outros centros de saberes, que não só o das professoras como possibilidade e detenção do conhecimento. Seguindo nessa linha do jogar como uma forma de aprendizagem e também de relação humana, quero analisar três esferas que aparecem nessa história, que assim como nos jogos de modo geral possuem regras e objetivos. As esferas desse jogar que proponho são: das mães com os alunos, das mães com elas mesmas e das mães com as professoras. Essas esferas nos permitem enxergar para além dos jogos e brincadeiras no sentido com os quais as mães aplicavam junto aos alunos, mas seguem em direção a esse sentido mais subjetivo do jogar que envolve as relações.

Na primeira esfera, o jogar entre mães e alunos, trago uma pergunta feita por Paulo Freire, “Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais dos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE,2014, p. 32).

Intervenção:

INÊS: *O objetivo era diminuir as dificuldades das crianças mesmo, a gente sempre orientava os nossos filhos: “Olha, aqui eu não sou sua mãe, sua mãe tá lá em casa, aqui eu sou mãe de todo mundo”. Eles sabiam disso e a maioria das mães tinham essa consciência de lidar com todos do mesmo modo.*

JULIANA: *Eu lembro e eu falava para todo mundo, essa moça aí é minha mãe entendeu, a minha mãe é Mãe dos Jogos.*

INÊS: *[...] as Mães dos Jogos foi uma oportunidade para mim né, eu fui lá e tive conhecimento de como funciona uma escola, como funciona a parte pedagógica de uma escola, ter vida social também, porque aí eu tive várias amizades lá, participava do conselho, então teve uma diferença muito grande, aprendi muita coisa lá.*

Podemos pensar que essas mães trouxeram o território e portanto a identidade, essa “intimidade” (FREIRE,2014, p. 32) do bairro para os alunos no espaço da escola durante a aplicação dos jogos, mas em contrapartida os alunos além de reconhecerem nas mães o saber dos jogos aplicados e o saber do território, proporcionaram a essas mães a prática de pensar sobre a aprendizagem dos alunos através dos jogos, “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE,2014, p. 25). Criando assim uma relação simbiótica de identidade relacionada à “experiência social” (FREIRE,2014, p. 32), pois era necessária a presença de mães e alunos para que acontecessem os jogos e brincadeiras na escola, podemos destacar também que o espírito de jogar, portanto da relação entre mães e alunos vindos do mesmo território, fazia parte por si só nessa relação/jogo devido à natureza e objetivo do projeto.

Na segunda esfera, no jogar das mães com elas mesmas, quero destacar o planejamento e fabricação dos jogos e brincadeiras, de aprender esses jogos que seriam aplicados e os questionamentos de quais jogos aplicar para atender as demandas das turmas além das reuniões e o compromisso com o projeto pois “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2014, p. 24).

Intervenção:

INÊS: *Era legal porque a gente se reunia [...] e para nós era uma responsabilidade muito grande, então se não me engano acho que era duas ou três vezes por semana. [...] nós planejávamos, tinha jogos fabricados por nós, ou até às vezes pelas crianças, trabalhávamos com reciclável também. Nós chegávamos no professor e perguntava: qual a dificuldade maior dos seus alunos? E aí eles falavam, e a gente planejava do nosso jeito o que a gente daria para cada sala. Era muito legal, era um trabalho muito produtivo.*

Por esse ângulo, pensar em coletivo a construção dos jogos, questionar e relacionar estes jogos com as dificuldades dos alunos no intuito de diminuí-las, fez com que o coletivo de mães se fortalecesse para além da identificação de mães e moradoras do mesmo bairro que partilhavam o território. Trago Allan da Rosa que coloca que o jogar da matriz de cultura afro-brasileira concebe na ação os questionamentos do fazer, indo ao encontro do que quero dizer dos planejamentos e questionamentos feitos pelas mães do projeto.

Em todas estas faces que saltam ou sussurram na cultura de matriz afro-brasileira, o jogo e sua sedução atizam e instigam o tempo, na encruzilhada que este perfaz das urgências do agora junto às tradições mais antigas, no encontro com tempos remotos ou míticos que se desabrocham quando são “repetidos” mas reorganizados e reinventados os toques, frases, gestos, cozimentos e costuras que inventam dar guarida ao presente, mantendo a sensação fértil, para que se escolha cada vez melhor perguntas e esperança. (ROSA, 2013, p. 56).

O objetivo do jogar nessa esfera era de criar essa “possibilidade” (FREIRE, 2014, p. 24) em coletivo, através de questionamentos, planejamentos e via de regra caso não encontrassem uma resposta, poderiam fabricar ou reformular um jogo para serem aplicados em determinadas turmas ou alunos gerados por uma demanda que o projeto se propôs atender naquele momento na escola.

E por fim a terceira esfera, o jogo entre mães e professoras que de modo geral a maioria das professoras tiveram dificuldades em apoiar o projeto.

Intervenção:

INÊS: *Na minha opinião elas não acreditavam muito nos jogos. É aquela educação tradicional que a gente fala né, dá o conteúdo lá daquele jeito e pronto e acabou, e a gente tinha uma proposta diferente. Uma que você tinha uma pessoa diferente na sua escola, na sua sala, que talvez não tivesse o mesmo conhecimento, isso é verdade, mas elas não acreditavam no trabalho dos jogos, então muitas vezes a gente entrava na escola e na sala de aula e as professoras deram as costas para mim, e a gente não tava nem aí. Porque a gente acreditava no que a gente tava fazendo, entendeu.*

Mas foi difícil, não vou falar para você que foi fácil não, foi muita convicção do que a gente tava fazendo, sabe, e o que importa é as crianças que estão lá dentro. No final elas aceitaram melhor, entendeu, mas isso foi depois de uns três anos, porque eu fiquei três anos lá dando jogos.

Houve estranhamento entre mães e professoras, e professoras e mães, podemos levar em consideração que a entrada das mães fez com que a escola de certa maneira tivesse pertença ao território, proporcionando uma nova realidade pedagógica e de espaço. A ideia do projeto compreendia que as professoras informassem quais eram as dificuldades que a turma ou alunos teriam com determinada matéria ou conteúdo para que as mães pudessem fazer o planejamento semanal dos jogos. Mas a maioria das professoras não informavam essas dificuldades, o que de alguma maneira fazia com que essas professoras não tivessem interesse no jogar com essas mães.

Pensando nesse jogar como relação, essa não participação no projeto por parte da maioria das professoras fez com que reforçassem a barreira entre espaço da escola e território, entre o saber das professoras e das mães, que já existia, porém fora do espaço da escola, já que a comunidade não participava. Mas a diferença é que agora essa barreira estava dentro da escola, gerando um novo espaço. Trago um trecho em que Allan da Rosa cita SODRÉ, 1998, para elucidar os espaços inerentes criados pelo jogo, indo ao encontro dessa relação/jogo entre mães e professoras no espaço da escola.

É no território que se recebe e se ferve o patrimônio cultural negro-africano, sem que se excluam parceiros do jogo (brancos, vermelhos, amarelos, mestiços), exibindo uma aproximação real e espacial das diferenças, ensejando sim uma reconstrução vitalista, uma continuidade geradora de identidade. (SODRÉ, 1998, p. 54 apud ROSA, 2013, p. 48). Refazendo constantemente os esquemas ocidentais de percepção de espaço, já que o “jogo” tem, inerentemente, a geração de espaço, simbólico, criando outras realidades de duração, período e de lugar. (ROSA, 2013, p. 48).

Nessa perspectiva não foram excluídas as professoras, ou as mães, mas o jogar aqui evidenciou e reforçou as diferenças espaciais em um sentido físico, pois as mães e as professoras usavam espaços diferentes dentro da escola. Mas reforçou também a geração de um espaço simbólico entre mães e professoras na escola, pois a dinâmica do projeto a partir dos jogos aplicados junto aos alunos pelas mães tinha a expectativa de que as professoras compartilhassem as dificuldades dos alunos, fortalecendo talvez a possibilidade de criação de novos espaços simbólicos do jogar nessas três esferas na escola. Pois esse lugar simbólico do jogar gerado por essa natureza do projeto afetou em muitas camadas a escola como vimos até agora, indo além dos jogos e brincadeiras aplicados pelas mães do projeto.

2.3 Comunidade colaborativa de aprendizagem.

Avançando para a discussão sobre a comunidade de aprendizagem que se formou na EMEIF Maria da Graça de Souza, onde chamo a atenção para onde desembocou essa história, a partir do projeto Mães dos Jogos, retomo o caminho que fizemos até aqui. Portanto, partimos da discussão entre o território da Vila Floresta onde vive uma comunidade e onde está inserida a EMEIF Maria da Graça de Souza. A comunidade do entorno participou do espaço da escola a princípio através do projeto Mães dos Jogos na fabricação e aplicação de jogos e brincadeiras com o objetivo de diminuir a dificuldade dos alunos nos conteúdos das matérias. Dessa maneira, essa entrada dessas mães na escola através do projeto gerou novos espaços simbólicos do jogar, no sentido de relações humanas entre alunos, mães e professoras no espaço da escola.

Para essa discussão sobre a “Comunidade colaborativa de aprendizagem” trago mais uma vez Allan da Rosa, Paulo Freire e a autora bell hooks, com o livro *Ensinando a transgredir, A educação como prática da liberdade*, 2017. O livro trata de assuntos como: pedagogia crítica baseada em Paulo Freire, pedagogias antirracista e feminista. Através de ensaios bell hooks constrói reflexões sobre a prática pedagógica em sala de aula na universidade, mas aqui essa prática pedagógica de bell hooks nos ajuda a guiar um caminho para analisar essa história a partir da abertura da escola para o projeto Mães dos Jogos que desembocou em uma comunidade colaborativa de aprendizagem.

Começo a discussão tomando como base a prática em sala de aula da professora Mara que foi minha professora de 1999 à 2001, da segunda até a quarta série, mas quero trazer a perspectiva de como principalmente na terceira e quarta série o olhar sobre o ensino em conjunto com a comunidade estava impregnado na sala de aula que frequentei, “[...] as professoras faziam de tudo para nos “conhecer”. Elas conheciam nossos pais, nossa condição econômica, sabiam a que igreja íamos, como era nossa casa e como nossa família nos tratava”. (HOOKS, 2017, p.11). Nós frequentamos a casa da professora Mara, conhecíamos suas filhas, ela sabia onde

morávamos, estava ciente do território e o abraçava de modo que foi uma das professoras que aderiu ao projeto Mães dos Jogos, entre outros propostos por pessoas da comunidade. Ela incentivava a participação da minha turma nesses projetos e dava continuidade em sala de aula, havia uma expansão da sala de aula para todo o resto da escola, que nesse momento e pela minha ótica de aluno estava mais integrada ao território.

Fotografia 8: Acantonamento na EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André. Professora Mara como mestra de cerimônia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2000.

Por esse ângulo da prática em sala de aula da professora Mara trago um trecho em que bell hooks, 2017, destaca pontos importantes para criar uma comunidade de aprendizado em sala de aula.

[...] Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos

aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. Muitas vezes, antes do processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala. (HOOKS, 2017, p. 17-18).

Para além do olhar, segundo bell hooks (2017, p. 17-18) sobre comunidade de aprendizado em sala de aula, na relação entre professora e alunos e vice-versa, que nos ajuda a entender o caminho feito pela Professora Mara, mas que nessa história a comunidade foi adiante, foi além da sala de aula na relação professora/alunos. Falo portanto, sobre a comunidade colaborativa de aprendizagem, pois muitas pessoas contribuíram, colaboraram e afetaram como educadores em suas passagens naquele período, naquela escola como: mães, pais, alunos, tias, avós e funcionários.

Intervenção:

ADRIANA: [...] *tinha muita gente que você nem imaginava que um dia ia querer participar da escola, e que as pessoas também nem imaginavam que um dia podiam participar daquele jeito, que isso ia ser bom. Que essas pequenas coisinhas iam impactar a vida daqueles sujeitos, que eles também estavam transformando o mundo a partir da sua atuação no mundo.*

Não somente os alunos eram reconhecidos num processo de aprendizagem, mas todas as pessoas envolvidas no processo educacional naquela escola. “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.” (FREIRE, 2014, p. 28). Assim sendo, cada um que

estava envolvido com a escola à sua maneira colaborava para que o espaço da escola fosse um espaço de aprendizagens, uma via de mão dupla, em um processo de que quem ensina também aprende, saindo do pensamento de que só o aluno tem algo a aprender na escola e de que só a professora tem algo a ensinar.

Para ilustrar e deixar mais compreensível como funcionava a dinâmica dessa comunidade colaborativa de aprendizagem na EMEIF Maria da Graça de Souza, que ia além da sala de aula e da relação professora/aluno, trago quatro experiências. Na primeira Adriana Rieger propôs escola aberta e que tivessem oficinas oferecidas pelas próprias mães, para elas mesmas e para alunos na escola no período da tarde, teve oficina de sabão, oficina de bolo, eu me lembro da oficina de pão de queijo, oficina de bordado, entre outras.

Intervenção:

ADRIANA: [...] começaram vir ideias da gente fazer escola aberta e aproveitar os próprios meninos, que eram vocês (turma da terceira série de 2000), para irem educando as gerações mais novas, ensinando outras coisas, fazendo teatro, sendo referências positivas, referências diferentes que esses meninos podiam ter onde eles estavam. E tinha você (Felipe), tinha o Jefferson, tinha mais um grupinho. Mas você e o Jefferson principalmente, vocês amavam ficar na escola. [...] Perguntavam: “mas vai ficar aqui fazendo o que?”, eu respondia: “escola, eles vão fazer atividade, eles vão ter outras coisas para fazer”. Aí a filha da Maria veio ensinar a bordar com fita, aí o outro ensina não sei o que, eu tive a ideia para fazer sabonete, “vamos chamar a mãe de não sei quem”, que era super resistente, para fazer oficina de bolo para as outras mães, e ela começou a gostar da escola e começou a vir.

JULIANA: Nossa eu amava, a gente ficava na escola o dia inteiro, eu lembro que a gente estudava de manhã e aí nossas mães levavam Marmitinha. A gente ficava lá a tarde inteira brincando, eu, você, o Jé, a Janete. [...] Eu amava ficar lá, a gente brincava bastante e também tinha as atividades extracurriculares.

ADRIANA: Então você começava ver movimentos entre elas, a gente começou a constituir ali uma comunidade colaborativa de aprendizagem. Não só dos meninos mas também desses adultos, a gente foi construindo uma rede, uma comunidade de aprendizagem, que

infelizmente não se expandiu para os docentes, porque até alguns funcionários entraram nessa rede.

A segunda experiência é a do acantonamento da quarta série em 2001, houve muita discussão entre pais, direção e professoras se os alunos poderiam dormir na escola ou não, se seria seguro. A discussão é muito rica pois as pessoas que estavam envolvidas na escola, mães, pais, professoras, diretora e alunos deliberaram em conjunto se a quarta série poderia dormir ou não na escola, e de como seria esse evento, quais os jogos que seriam aplicados, a questão da comida, quem teria disponibilidade de estar no evento e quais os espaços seriam utilizados. Muitos foram responsáveis por essa decisão, o que para mim reforça esse lugar segundo Freire (2014, p. 28) sobre ser sujeito no processo do conhecimento, ali foi aberta a discussão de como aquele conhecimento/experiência poderia ser proporcionado e se faria sentido para os envolvidos na escola ou não. No fim dormimos nós alunos, mães, a professora Mara, os seguranças também estavam envolvidos, muitas forças contribuíram neste evento.

Fotografia 9: Acantonamento na EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André, fogueira ao fundo no momento do piquenique.



Fonte: Arquivo pessoal, 2001.

Fotografia 10: Acantonamento na EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André, momento de ir embora, Juliana Gouvea Garcia a entrevistada posando para a câmera.



Fonte: Arquivo pessoal, 2001.

A terceira experiência resgato o relato do ATO I, de quando Vera dirigiu o espetáculo “Os Saltimbancos” em 2000, inserindo a linguagem teatral como projeto junto aos alunos e que foi reconhecido e abraçado pela comunidade que estava na escola, portanto integrando essa comunidade colaborativa de aprendizagem.

Intervenção:

FELIPE: A Vera resolveu propor uma peça/coral com alunos da segunda e terceira séries. Vera dirigiu a peça de modo que as quatro personagens principais: o Jumento, o Cachorro, a Gata e a Galinha fossem quatro coros, que foram escolhidos pelos próprios alunos em qual coro entrar. A temática do espetáculo foi para dentro de sala de aula, os conteúdos foram relacionados à peça pelas professoras que aderiram ao projeto. Me lembro da professora Mara em horário de aula

trazer conteúdos de língua portuguesa enquanto nós decorávamos as letras das músicas. As Mães dos Jogos e a professora Mara se envolveram na produção da peça/coral, conseguiram camisetas brancas para que o elenco formado pelos alunos pintasse as personagens da peça/coral, a comunidade levava os alunos nos contra turnos para os ensaios e apresentações, que foram: na Fundação Santo André, na câmara dos vereadores de Santo André e no Teatro Municipal de Santo André, além de outras EMEIF's da rede.

JULIANA: *Para mim foi muito importante, porque eu era eu sou uma pessoa envergonhada né, mas quando eu era criança eu era bem mais. Eu era bem gordinha, cabelinho curto e todo mundo me zoava na escola. Isso me ajudou a destravar e eu acho que foi muito importante, até hoje um pouco do meu destravamento é porque eu fazia teatro com a tua mãe. Nossa lembro, ninguém queria ser Galinha eu não entendia qual o problema de ser a Galinha, sabe!?*

A quarta experiência é de quando a Júlia que trabalhava na limpeza da escola se reconheceu de maneira intuitiva como parte da comunidade colaborativa de aprendizagem que se estabeleceu na escola.

Intervenção:

ADRIANA: *A Júlia, com a vassoura debaixo do braço parada, ela tava orientando alguém a andar no banco, uma pequena, a foto tá ela falando para a menina por um pé na frente do outro. Até a Júlia, que mal sabia escrever o nome, semialfabetizada, começou a se descobrir educadora e começou a perceber que a intervenção dela também era importante para os meninos crescerem, para se desenvolverem, e para aprenderem. Que ela também tava comprometida com a sociedade a partir do trabalho dela, que o trabalho era muito além de varrer e deixar limpo para os meninos transitarem, mas que ela podia sim falar: “pode por um pezinho na frente do outro, vem com calma”. Em seguida ela põe a vassoura no chão, que a menina tinha medo de pisar pé ante pé, a Julia vai e dá a mão para a menina. A criança precisava se sentir acolhida e segura, e qualquer um podia cumprir esse papel e ela foi e fez.*

Para que essa comunidade de aprendizagem que afetou muitas camadas como visto nessas quatro experiências pudesse ser estabelecida da maneira que foi, muitos

processos tiveram que ser assumidos dentro e fora da escola, muitas batalhas foram travadas para que este movimento fosse gerado na escola.

Intervenção:

ADRIANA: [...] as outras pessoas que não entendiam aquele movimento achavam aquilo um absurdo, e diziam: “O que a faxineira tá se intrometendo na minha aula?” [...] a comunidade começou a cobrar qualidade, começou a cobrar o que é de direito dela. Isso foi incomodando muitas esferas. Esse foi um dos motivos de eu ter sido “convidada”, convocada a sair, “ou sai, ou sai”.

Eu descobri que quando eu saí, as coisas foram aos poucos, encolhendo e voltando a ser como elas eram, então teve mudança, e não transformação

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 2014, p. 42)

Apesar dos muitos esforços para que essa experiência da comunidade colaborativa de aprendizagem fosse transformadora para a escola como um todo, a escola não foi totalmente mergulhada na mesma experiência porque acredito que não teve entendimento de que estas experiências tão importantes relatadas aqui e muitas outras faziam parte segundo Freire (2014, p. 42) desse assumir-se como ser social, transformador e criador. Tanto que algumas turmas mergulharam mais e outras menos nesses processos, reforçados pelo não jogar, pois a maioria das professoras não aderiram de braços abertos a essas propostas de transformação.

Por vezes as mães fizeram frente às discordâncias que de alguma maneira pudessem ameaçar o fim dessa comunidade que tinha entrado no espaço da escola e mudado, como diz Adriana Rieger, naquele momento, o fazer educação na EMEIF Maria da Graça de Souza sob o ponto de vista dessa discussão sobre comunidade

colaborativa de aprendizagem, nesse sentido de educação como ação ativa feita por essa comunidade de aprendizagem estabelecida, destaco Allan da Rosa que coloca.

A educação aqui é compreendida então não como um instrumento utilitário, mas como um beiral ativo e como praia larga para admiração, equilíbrio e mergulho em si mesmo por qualquer pessoa, como felicidade em presença na comunidade em que se insere, que em última (ou primeira) instância é a comunidade-múndi, terráquea. Educação como arrojada e carinhosa passagem por onde se esgueira e dança, ativa, a humanidade plena que por vezes esquecemos, mofando em nossos espíritos. Educação florescimento, luta, viagem. (ROSA, 2013, p. 143)

A comunidade que se estabeleceu na escola dessa história se revelou como diz a Adriana Rieger em entrevista, em uma “comunidade colaborativa de aprendizagem” que dá nome a essa discussão, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2014, p. 25), nessa troca de saberes a partir da abertura do espaço da escola para a comunidade e no desejo de afetar e ser afetado reconheço que nessa jornada, principalmente a minha turma da quarta série do período da manhã foi beneficiada por esse movimento, graças a adesão da professora Mara.

intervenção:

ADRIANA: *E aqueles meninos, você (Felipe) é um dos meninos, eu via felicidade no olho desses meninos, e eu via a vontade e aquela invejinha dos meninos que não tinham as mesmas oportunidades que vocês tinham, porque os professores não aderiram. Por exemplo, a turma da tarde morria de vontade de ser a turma da manhã.*

E no meu caso ainda eu tive o privilégio da participação com pensamento artístico pedagógico da minha mãe Vera, de modo geral eu e minha turma tivemos o incentivo da experiência, o que para mim pessoalmente gerou transformação e não mudança apenas, me deu olhos para escolher o curso de Licenciatura em arte - Tetro nessa casa, na UNESP. E me influenciou em quem sou e de como penso educação

por ter partilhado desta comunidade de aprendizagem que conto nessa história a você.

Fotografia 11: Turma da quarta série da EMEIF Maria da Graça de Souza, Santo André, da esquerda para a direita, fileira de cima: professora Mara, Amanda, Jéssica, Caio Yoshio, Romário, Wesley, Fernanda, Débora, Alexandre, Bruno. Fileira do meio: Juliana, Leonardo, Jefferson, Kleber, Cauê, Felipe, Najara, David, Claudemira. Fileira de baixo: Marcos, Janete, Cibele, Dayane, Eric, Denis, Robson, Marcos Paulo e Caio César.



Fonte: Arquivo pessoal, 2001.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

3.1 A Estreia

Quando eu tinha de oito para nove anos, a minha mãe Vera, junto com a Leninha que era a mãe de um menino da minha sala, resolveram fazer uma peça de teatro para a escola em que a gente estudava. Os ensaios eram todos na minha casa, a mesma casa em que eu moro até hoje, na Vila Floresta em Santo André.

A história da peça eu nem me lembro mais, só sei que tinham duas crianças, um avestruz e um vilão que usava máscara de Pantalone¹⁶, mas que no final ficava bonzinho. Lembro delas ensaiando, criando, brigando e ensaiando de novo. Cada objeto ou figurino novo eu cheirava pra ver se tinha cheiro de teatro.

Eu já sabia ler na época, mas nunca peguei no texto, acontece que, de tanto ver os ensaios eu decorei a peça inteirinha, palavra por palavra, letra por letra. Eu ficava no pé da escada da sala da minha casa por horas, só acompanhando o desenrolar dos ensaios e torcia para alguém me chamar e perguntar o que eu achei, eu fazia notas mentais do que eu tinha ou não gostado e quando chegava no fim do ensaio era a melhor hora, eu me acabava de criar e recriar aquela peça, ou qualquer outra fantasia que me desse na telha.

Dia de estreia, era dia de semana, todo mundo tenso, tudo acontecendo muito rápido, a minha mãe gritava e eu não queria ter ido pra escola no horário convencional, eu queria era participar do evento que seria colocar as coisas no Azulão, que era o carro da Leninha. Elas chegaram na escola com cenário e figurino bem na hora em que estávamos voltando do recreio, aquilo foi um chamariz, todo mundo ficou curioso e eu me lembrei do cheiro das coisas, pensei: hoje a escola vai ficar com cheiro de teatro.

¹⁶ Máscara da *Commedia dell' Arte*.

Tudo pronto, eu via minha mãe e a Leninha prontas com seus figurinos e maquiagem, mas o ator que fazia o vilão, o Nando, não tinha chegado. Eu fiquei eufórico, faltavam só algumas turmas se posicionarem em frente ao palco que dava no pátio para a peça começar... e nada do ator. A minha mãe e a Leninha já estavam mostrando traços de desespero na coxia e eu também, todas as turmas já estavam prontas em frente ao palco e eu já ouvia alguns puxando “CO-ME-ÇA, CO-ME-ÇA!”

Eu estava sentado com minha turma em frente ao palco como todos e de repente sinto uma mão me puxando, era a minha professora Mara, disse que minha mãe queria me ver. Fui rapidamente encontrar minha mãe na coxia e ela disse, para não dizer gritou:

– Felipe o Nando não apareceu até agora e você sabe todas as falas, você vai entrar.

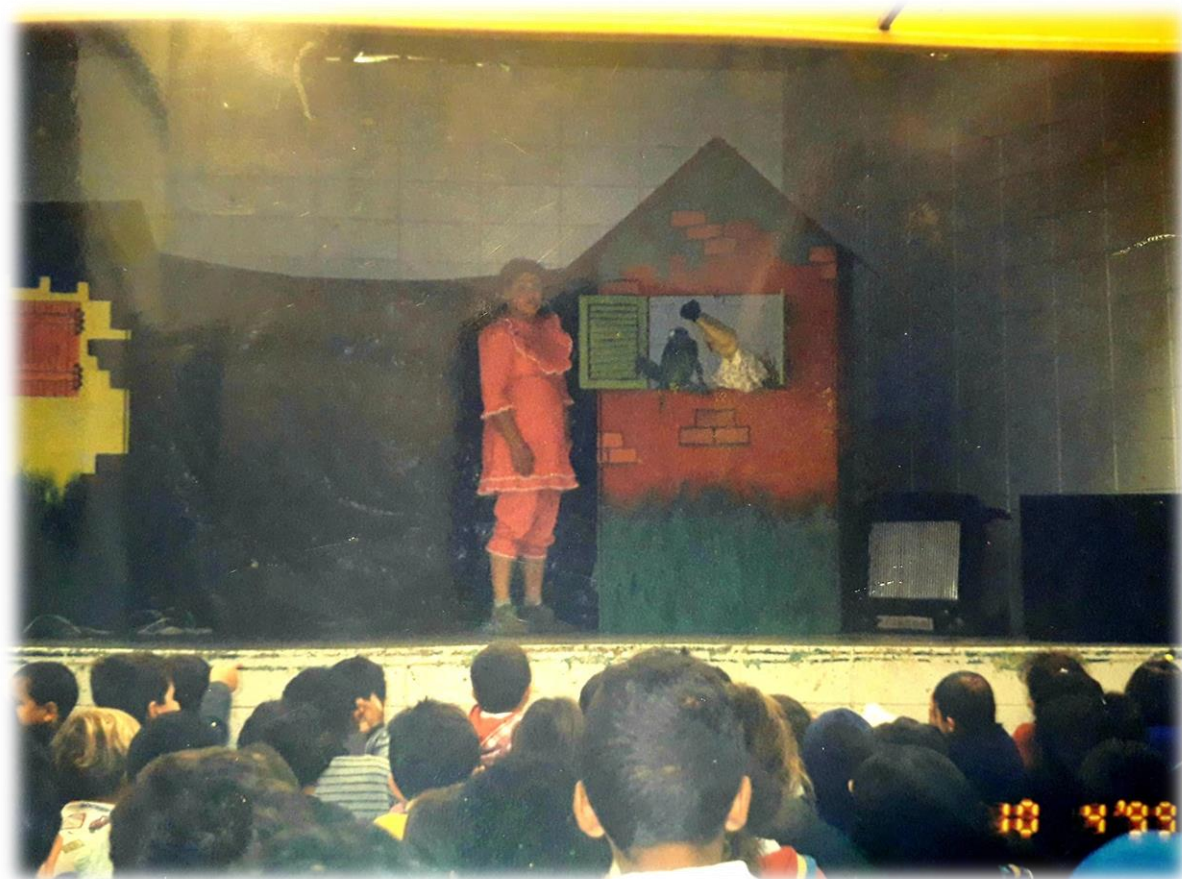
Eu fiquei desesperado e disse que não queria. Quando dei por mim, minha mãe já estava trocando minha roupa e colocando a roupa do vilão, o Wantuir, que ela tinha adaptado pro meu tamanho com um grampeador.

Tudo parecia girar, eu queria chorar, o público começou a gritar até que a minha mãe me deu a máscara, que na época eu não fazia ideia que era do Pantalone, botei a máscara que tinha cheiro de teatro, olhei para minha mãe e ela fazia aquela expressão grave que toda mãe faz quando está muito brava, falava sem fazer som:

– Entra agora.

Eu respirei, cheirei a máscara e entrei.

Fotografia 12: Peça referenciada no conto A Estreia, em destaque no palco, a atriz Vera e dois fantoches ao fundo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2000.

3.2 Aterrissando essa cama.

Percebo a necessidade de trazer uma perspectiva que dialogue com essa cama feita no ATO II. Quero aterrissar essa cama que foi construída até aqui, na encruzilhada da gestão democrática com a ideia de plano político-pedagógico. E de como esse cruzo contribuiu para o fazer artístico de teatro naquele espaço daquela escola. Para essa aterrissagem trago o artigo: “Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva” (VEIGA, 1998, p. 1-12). Ilma Passos da Veiga é professora do Centro Universitário de Brasília e pesquisadora na área da educação e principalmente na formação de professor e projeto político-pedagógico. E dialogando com o fazer da arte junto ao contexto escolar trago também o artigo “Escola é lugar para artes?”, de Carminda Mendes André, 2008, publicado nos anais do V congresso da ABRACE¹⁷.

Pensando em tudo o que foi discutido até aqui no ATO II sobre o território como prática pedagógica onde a EMEIF Maria da Graça de Souza está inserida, de como a partir dos jogos foram construídas relações entre mães alunos e professoras e a construção da comunidade colaborativa de aprendizagem. Percebo que houveram passos anteriores para que o projeto Mães dos Jogos e as demais ações na EMEIF Maria da Graça de Souza fossem viabilizados. A Adriana nos dá indícios de onde podemos partir.

Intervenção:

ADRIANA: *Tudo começou com a questão da democratização do acesso à escola, que era uma das diretrizes daquela gestão, e de fato essa é uma diretriz que eu acredito. Então eu acredito que a educação tem esse poder libertador, e que a gente precisa garantir, em especial na escola pública, a qualidade social da educação que não é a qualidade cognitiva, acadêmica só, [...] a gente precisa garantir o acesso, mas também a permanência desse menino lá na escola. A gente tem que entender que o menino não vem sozinho, tem um combo né, vem o kit, vem a família, o arranjo familiar dele vem junto.*

¹⁷ Associação Brasileira de Pesquisas e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Nesse sentido sobre a democratização do acesso e permanência na escola, faço relação com a gestão democrática da EMEIF Maria da Graça de Souza durante a gestão da diretora Adriana Rieger. Pois com a entrada e esforços de permanência da comunidade no espaço da escola, junto a ideia de tomada de decisões coletivas, como por exemplo, quando os alunos começaram a frequentar as oficinas oferecidas pelas mães de alunos nos contra turnos, houve uma decisão das mães em oferecerem as oficinas, e da escola em aceitar. Outro exemplo é o projeto Mães dos Jogos, ambos confrontam a ideia de detenção do conhecimento somente na mão do professor dentro da escola. Por esse ângulo Veiga, 1998, destaca:

A gestão democrática implica principalmente o repensar da estrutura de poder da escola, tendo em vista sua socialização. A socialização do poder propicia a prática da participação coletiva, que atenua o individualismo; da reciprocidade, que elimina a exploração; da solidariedade, que supera a opressão; da autonomia, que anula a dependência de órgãos intermediários que elaboram políticas educacionais das quais a escola é mera executora.

A busca da gestão democrática inclui, necessariamente, a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões/ações administrativo-pedagógicas ali desenvolvidas. (VEIGA, 1998, p.4)

A partir da gestão democrática pode-se pensar em como registrar e tornar objetiva a participação e discussão das decisões/ações dos vários segmentos da escola como colocado por Veiga, 1998.

Intervenção:

ADRIANA: [...] a gente tem um projeto político-pedagógico e a gente tem que saber o que a gente quer. Qual é a missão dessa escola? Quais são os nossos valores? Essa escola disputa o destino desses meninos, e essa escola luta por esse território.

O projeto político-pedagógico, ao mesmo tempo em que exige dos educadores, funcionários, alunos e pais a definição clara do

tipo de escola que intentam, requer a definição de fins. Assim, todos deverão definir o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendem formar. As ações específicas para a obtenção desses fins são meios. (VEIGA, 1998, p.4)

Nessa perspectiva ter clareza da missão e valores, baseados em uma gestão democrática da escola através do plano político-pedagógico foi fundamental, para que a direção da escola tivesse a intenção de trazer a comunidade do território da Vila Floresta para o espaço da EMEIF Maria da Graça de Souza. Entendo que a ação foi um meio de tornar a participação na escola mais democrática. O que resultou no projeto Mães dos Jogos entre outros muitos projetos e ações com participação de vários segmentos da escola, mas como acompanhamos no decorrer da história não foi consenso a aceitação desse modelo de gestão por parte das professoras.

Olhando para a comunidade de aprendizagem que se construiu durante essa jornada em direção à gestão democrática que possibilitou o acesso e a permanência não só dos alunos, mas da comunidade na escola. Penso em uma outra ação que para mim foi determinante no sentido da experiência de uma gestão democrática que viabilizou o fazer artístico na escola por uma mãe de aluno que fez a proposta de um projeto teatral. Visto que a escola não havia o conteúdo de Arte ou algum professor especialista. Nesse sentido do fazer artístico na estrutura da EMEIF Maria da Graça de Souza, penso na função da linguagem teatro que foi abordada nessa história. Para essa discussão sobre função trago a pergunta provocadora feita ao final do artigo de André, (2008, p.4) e que dá título ao artigo “Escola é lugar para a arte?”.

A pergunta traz o espaço da escola, nesse caso, coloco em questão o espaço da EMEIF Maria da Graça de Souza, gerida pela Adriana Rieger que aderiu a uma gestão democrática e que deu lugar à linguagem teatro, fruto da proposição de Vera, minha mãe. A ação de Vera coube na gestão democrática, pois Vera fazia parte da comunidade da Vila Floresta e era mãe de aluno, gerando uma ação que fortaleceu a comunidade de aprendizagem instaurada. Por tanto no momento em que a Adriana aceita esse projeto, em alguma camada a EMEIF Maria da Graça de Souza adere o ensino da linguagem artística teatro feito por uma mãe de aluno, deficiente auditiva e artista. Além disso Vera estava em formação de atuação e no magistério,

proporcionando a Vera a experiência de dois terrenos, o do teatro e o da educação. De modo que estes dois terrenos estavam presentes na mentalidade de Vera quando se pensou nas ações teatrais.

Esses dois terrenos estavam inerentes um ao outro, pois na experiência dos alunos pode-se pensar em um fazer artístico pedagógico, onde atuavam, assistiam cenas, peças, contações de histórias e também faziam teatro, no sentido de fruição artística. E para Vera também é possível pensar nesse fazer artístico pedagógico no sentido de sua atuação como atriz nas cenas, peças e contação de histórias, mas também no ensino do fazer teatral com os alunos.

Uma parte da pergunta pode ser respondida. De que essa escola em específico deu lugar para o teatro, ou seja, essa escola foi um lugar para a arte. Mas a questão que adiciono é o “COMO” essa escola foi lugar para a arte?

[...] adentrando-se nos conteúdos normativos dos PCNs-Artes¹⁸, no que concerne ao ensino do teatro, podemos perceber que o papel e o lugar permitido para as atividades artísticas no projeto pedagógico é muito mais o de promover a convivência social do que atuar artisticamente, transgressoramente. Tudo o que ali foi objetivado, de fato, pode ser vivenciado em uma atividade teatral, no entanto, estes são efeitos secundários de uma experiência artística. (ANDRÉ, 2008, p. 2).

Por esse ângulo colocado por André, 2008, a gestão aderida pela direção em conjunto com a ação de Vera promoveram a fruição artística de alunos, comunidade e da própria Vera. E não essa objetificação da convivência social que é intrínseca ao fazer teatral, porém secundário.

Intervenção:

FELIPE: *Eu me lembro de ver dentro e fora da escola os processos de criação artística teatral que Vera, ou Maria Fulô, faziam com a comunidade que já estava na escola, muitas pessoas se*

¹⁸ Parâmetros Curriculares Nacionais – Artes.

envolveram no fazer artístico teatral, fosse atuando, produzindo ou assistindo às peças. Esse movimento artístico teatral feito por Vera que eu tive a sorte de testemunhar, atuar e experimentar junto da comunidade na escola, sem dúvidas me influenciaram na escolha pelo curso de licenciatura em arte - Teatro na UNESP e me possibilitou enxergar e ter parâmetro de que é possível fazer arte em escola pública envolvendo a comunidade.

[...] a experiência artística oferece oportunidades para os indivíduos que o fazem inventores de si mesmos e inventores de suas finalidades. É fato que todo artista “original” transgrediu, de alguma forma, a matriz da linguagem artística da qual domina, contrariando regras e categorias consagradas, é desse modo que se apresenta como diferença. Nesse sentido, o exercício poético é, por sua natureza, a experiência da transgressão. Desse modo, se a arte, de fato, entrar na escola, ela não “ajudará a disciplinar”, não deixará os alunos mais calmos, não o adaptará ao convívio em grupo, não aceitará as regras sem que tudo isso seja colocado em discussão. (ANDRÉ, 2008, p. 2)

Nessa lógica transgressora o caminho do “COMO” da pergunta, nesse caso, é de que a gestão da EMEIF Maria da Graça de Souza, naquele período, tomou a decisão por uma gestão democrática, deixando claro em seu plano político-pedagógico essa decisão. Garantindo o acesso e permanência de alunos e comunidade na escola, mesmo que não fosse consenso por parte das professoras. Mas mesmo assim a comunidade começou a tomar decisões junto aos outros segmentos já existentes. Como resultado, houve o acolhimento à fruição teatral no terreno artístico pedagógico de alunos, comunidade, gestão, funcionários e algumas professoras parceiras. Garantindo uma experiência de transgressão à normatização do ensino de teatro na escola, como apontado por André, 2008. Essa fruição artística garantida pela gestão democrática na EMEIF Maria da Graça de Souza me formou no sentido de experiência e foi determinante para a ideia que tenho do fazer artístico feito no espaço da escola.

REFERÊNCIAS.

ANDRÉ, Carminda Mendes. **Escola é lugar para artes?**. Anais V Congresso da ABRACE, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 1-3, out. 2008. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/75/showToc>. Acesso em: 12/09/2021

BRASIL, Ministério da Educação. **Manual de Orientação do FUNDEF**. 4. ed. MEC, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/manual.pdf>.

CPDC. **Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento**. Conteúdos sobre a ONG CPDC. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/>. Acesso em: 30/06/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WTF Martins Fontes, 2017.

IBGE. **Estados e Cidades**: Santo André. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/santo-andre.html>. Acesso em: 12/09/2021

O JOGO também ensina; A JOGADA da rede. Diário do Grande ABC, Santo André, 10 outubro 2003. Caderno Diário na Escola, p.3. Disponível em: <https://www.avisala.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Di%C3%A1rio-na-Escola-O-jogo-tamb%C3%A9m-ensina.pdf>.

ORALIDADE. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/oralidade/>. Acesso em: 29/06/2021.

PACHECO, Lilian. **A Pedagogia Griô**: educação, tradição oral e política da diversidade. In Revista Diversitas n.3. 2015. Dossiê Pedagogia Griô.

RACHEL, Denise Pereira. **Escrever é uma maneira de sangrar** :estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. São Paulo, p. 303. 2019.

RODRIGUES, Giselda Pereira. **Os mitos e contos africanos e afro-brasileiros na formação de professores**: uma prática de combate ao racismo e à intolerância

religiosa. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, p. 120. 2020.

ROSA, Allan da. **Pedagoginga**, autonomia e mocambagem. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade**: Educação Infantil. São Paulo: SME / COPED, 2019, 224p.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. 4. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11.

WOOD, Audrey; WOOD, Don. **A bruxa Salomé**. tradução: Gisela Maria Padovan. 9.ed. São Paulo: Ática, 1999.

APÊNDICE

Entrevistas na íntegra e em ordem cronológica conforme foram feitas, nos dias 4 e 5 de junho de 2021.

MARIA INÊS R. DE GOUVEA GARCIA

No início da entrevista foram mostradas as fotografias 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Felipe - De onde, como, ou de quem surgiu a ideia do coletivo as Mães dos Jogos na escola EMEIF Maria da Graça de Souza?

Inês - Então na verdade foi assim, na escola a diretora acreditava muito em jogos e brincadeiras né, e ela propôs isso para nós e eu sempre gostei, eu sempre achei mesmo que a brincadeira tem que ser introduzida na educação. Eu sempre acreditei na educação através da brincadeira, do lúdico né, e quando ela propôs isso em reunião de pais, meu filho já tinha dois anos e já tinha saído da fralda, e eu falei eu vou topar, porque eu acredito nesse projeto.

No começo tinham várias mães, eu não lembro quantas né, tinha uma mãe muito presente que era a Adevanira que ela tinha uma criatividade maravilhosa, a Vera né na contação de histórias, a Leninha também na contação de histórias. Eu sempre falo que elas não precisavam de muita coisa né, tinha um papel e uma tesoura, pronto, já fazia a atividade e eu admirava muito isso.

E aí nós começamos, eu acreditei, no começo eram várias mães e depois foi diminuindo ou pelas crianças que iam saindo, ou outros motivos. E era legal porque a gente se reunia, era um trabalho voluntário, e para nós era uma responsabilidade muito grande, então se não me engano acho que era duas ou três vezes por semana, nós não faltávamos, tinha essa responsabilidade.

No projeto, nós planejávamos, tinha jogos fabricados por nós, ou até às vezes pelas crianças, trabalhávamos com reciclável também, e aí era uma ou duas vezes por semana. Nós chegávamos no professor e perguntava: qual a dificuldade maior dos seus alunos? E aí eles falavam, e a gente planejava do nosso jeito o que a gente daria para cada sala. Era muito legal, era um trabalho muito produtivo, que até hoje eu uso esse conhecimento nas minhas aulas.

Tinha um lema entre nós, que a gente não devia proteger o nosso filho, é porque tem isso mesmo né, não tem jeito, muitas vezes nós percebemos que algumas mães participavam das Mães dos Jogos para ver como seu filho tava na escola, como que tá se comportando, como o professor lidava com ele, e não era esse o objetivo. O objetivo era diminuir as dificuldades das crianças mesmo, a gente sempre orientava os nossos filhos: “Olha, aqui eu não sou sua mãe, sua mãe tá lá em casa, aqui eu

sou mãe de todo mundo”. Eles sabiam disso e a maioria das mães tinham essa consciência de lidar com todos do mesmo modo.

Felipe - Por que participar do coletivo?

Inês - Porque é importante né, você não consegue trabalhar sem ajuda do outro. A gente se junta, a gente discute, trabalhar em equipe é para a vida toda, então tem que ser em coletivo mesmo.

Felipe - Qual era o contexto da escola antes da intervenção das mães?

Inês - Eu participava das reuniões de pais, sempre tava por dentro da lição das crianças, mas não passava disso. Eu achei muito interessante uma fala da Adriana na época: “Eu não quero mãe e pai servindo cachorro-quente em festa junina, eu quero muito mais que isso, eu quero que o pai e a mãe participe da escola, saiba o que o filho tá aprendendo, ajude de alguma forma comunidade”. E isso achei muito interessante também, foi um dos motivos que eu acreditei nesse projeto aí.

Felipe - Houve mudança com a intervenção das mães na relação entre alunos, escola e comunidade?

Inês - Eu acho o projeto importante porque a Adriana trouxe a comunidade para dentro da escola, isso eu acho super importante, a comunidade não tem que ficar fora da escola tem que estar participando. E com a participação das Mães dos Jogos a comunidade entrou na escola, não foi só para entregar cachorro-quente, foi para conhecer o trabalho da escola, a importância da escola, a importância de saber da outra e do outro né, do trabalho dos professores. Lógico que mudou minha relação com a escola, e eu acho que os professores também de algum modo mudaram com as crianças.

Felipe - Quais as dificuldades enfrentadas na escola durante a intervenção das Mães dos Jogos?

Inês - Foi difícil, as professoras não acreditavam. Porque é muito difícil você trazer o estranho para dentro da sua escola, trazer a comunidade para a escola é um trabalho a mais né. Na minha opinião elas não acreditavam muito nos jogos.

É aquela educação tradicional que a gente fala né, dá o conteúdo lá daquele jeito e pronto e acabou, e a gente tinha uma proposta diferente. Uma que você tinha uma pessoa diferente na sua escola, na sua sala, que talvez não tivesse o mesmo conhecimento, isso é verdade, mas elas não acreditavam no trabalho dos jogos, então muitas vezes a gente entrava na escola e na sala de aula e as professoras deram as costas para mim, e a gente não tava nem aí. Porque a gente acreditava no que a gente tava fazendo, entendeu, a Adriana que dava todo apoio.

Então a gente entrava na sala, muitas vezes as professoras não passavam o que precisavam, então a gente imaginava quais as dificuldades das crianças e a gente dava os jogos, a gente comentava, e a gente não tava nem aí, porque a gente acreditava no projeto. Mas foi difícil, não vou falar para você que foi fácil não, foi muita convicção do que a gente tava fazendo, sabe, e o que importa é as crianças que estão lá dentro. No final elas aceitaram melhor, entendeu, mas isso foi depois de uns três anos, porque eu fiquei três anos lá dando jogos.

Felipe - Como ficou a relação entre as mães depois do projeto?

Inês - A Adriana acabou saindo e nós continuamos com a mesma convicção. O que aconteceu é que cada mãe o filho foi saindo, e a gente não conseguiu passar isso para outras mães que estavam entrando né. E aí então eu acho que o projeto foi meio que acabando, e eu vejo hoje que não tem mais, há muito tempo atrás eu fui lá na escola porque como eu trabalhava no abrigo Lar São Francisco de Assis eu levava as crianças para a EMEI, então eu continuei com uma ligação com a EMEI ainda muito tempo depois, mesmo no abrigo. E eu ainda vi os jogos das Mães dos Jogos lá no quartinho.

Felipe - Como foi para você o envolvimento artístico feito por mães que participavam das Mães dos Jogos?

Inês - Eu acompanhava todas as saídas, eu lembro que tava a Vera né, tava a Leninha, então a causa de tudo isso foi as Mães Jogos, por que foi aí o incentivo da Adriana de abrir a escola para comunidade é que aconteceu tudo isso.

Felipe - O projeto das Mães dos Jogos teve qual contribuição para você?

Inês - Eu tinha a minha vidinha em casa, as Mães dos Jogos foi uma oportunidade para mim né, eu fui lá e tive conhecimento de como funciona uma escola, como funciona a parte pedagógica de uma escola, ter vida social também, porque aí eu tive várias amizades lá, participava do conselho, então teve uma diferença muito grande, aprendi muita coisa lá. E aí teve a oportunidade no abrigo do Lar São Francisco de Assis, que era da secretaria da inclusão e depois passou para a secretaria da educação que assumiu o acolhimento na época. Eles contrataram pessoas para trabalhar lá, então eu tentei a vaga e consegui. E aí todo meu conhecimento que eu aprendi nas Mães dos jogos eu apliquei lá no Lar São Francisco. A importância de você trabalhar o lúdico, a música, o teatro eu apliquei lá com os adolescentes, era uma coisa que atraía qualquer criança, qualquer adulto e qualquer adolescente. Eu trabalhava através disso, e eu consegui muita coisa com eles.

Depois aí eu gostei da Educação, eu fui educadora no Lar São Francisco, depois eu tive oportunidade de assumir um cargo, mas eu não tinha nível superior e me propuseram o cargo de coordenação, e me formei em pedagogia, aí eu fiquei lá 13 anos. Depois eu saí de lá, fiz concurso um tempo atrás pela prefeitura de São Bernardo, passei, depois eu fiz alfabetização e letramento e tô terminando história

agora né. Então você vê como mudou minha vida, isso foi tudo porque lá trás alguém abriu as portas, entendeu. E é isso o que eu trabalho também na minha escola, eu trabalho essa referência né.

Felipe - Eu vou fazer um bate-bola. Um cheiro daquela escola.

Inês - Ah eu acho que o cheiro da Paz.

Felipe - Um sentimento.

Inês - Gratidão

Felipe - Uma história.

Inês - Agora que você me lembrou, bem legal mesmo, foi quando nós tivemos a surpresa do Tião Rocha para conhecer nosso trabalho, pessoa maravilhosa, ele é o dono do projeto do Bornal. Ele soube do nosso projeto né, ele veio lá de Minas Gerais de boa e apareceu na EMEI Vila Floresta para conhecer nosso trabalho. Ele iria fazer uma palestra para os professores e quando ele soube que as Mães dos Jogos estavam lá, ele antes da palestra, veio conversar com a gente e fez uma palestra particular para nós, ele falou “nossa o carinho e o projeto que vocês têm, vocês foram muito além do meu fazer”, e assim ter o nosso trabalho reconhecido. Projeto muito legal, a Adriana conseguiu fazer a diferença na vida de muita gente, trouxe a comunidade dentro da escola de modo diferente, não daquele que a gente conhecia até então, que era ajudar a festa junina, foi para frente mesmo. A turma de vocês né, era show de bola, participava de tudo era tudo dando festa eu me divertia junto com vocês também.

JULIANA GOUVEA GARCIA

No início da entrevista foram mostradas as fotografias 1, 2, 3, 4, 5 e 6

Juliana - Nossa lembro, ninguém queria ser Galinha eu não entendia qual o problema de ser a Galinha, sabe!?

Felipe - Como era a sua relação com a escola EMEIF Maria da Graça de Souza?

Juliana - Nossa eu amava, a gente ficava na escola o dia inteiro, eu lembro que a gente estudava de manhã e aí nossas mães levavam Marmitinha. A gente ficava lá a tarde inteira brincando, eu, você, o Jé, a Janete. A Tamires eu tenho amizade até hoje. Eu amava ficar lá, a gente brincava bastante e também tinha as atividades extracurriculares.

Felipe - Como foi a experiência de ver sua mãe na escola dando jogos e fazendo atividades com alunos?

Juliana - Ai orgulho né, eu lembro e eu falava para todo mundo, essa moça aí é minha mãe entendeu, a minha mãe é Mãe dos Jogos.

Felipe - Como foi para você fazer parte de peças e coral promovido por uma mãe que fazia parte do coletivo das Mães dos Jogos?

Juliana - Para mim foi muito importante, porque eu era eu sou uma pessoa envergonhada né, mas quando eu era criança eu era bem mais. Eu era bem gordinha, cabelinho curto e todo mundo me zoava na escola. Isso me ajudou a destravar e eu acho que foi muito importante, até hoje um pouco do meu destravamento é porque eu fazia teatro com a tua mãe.

Felipe - Como foi para você sair da quarta série e ir para outra escola?

Juliana - Eu fui para o Calvitti (escola estadual Prof. José Calvitti Filho, Santo André, SP). E eu me sentia totalmente deslocada, porque tipo, uma que ninguém me conhecia e outra porque eu tava totalmente sozinha. Sei lá a gente era amiguinho de escola, mas era mais que isso, entendeu, a gente ia um na casa do outro, era diferente né. No Calvitti, a gente não tinha esse negócio assim de popular, sabe essas coisas? Não sei se é por causa da fase da idade ou é meio que era diferente. A gente brincava com as filhas da “pro” Mara, a gente ia na casa da “pro” Mara.

Felipe - Eu vou fazer um bate-bola. Um cheiro daquela escola?

Juliana - Ai, a areia do parquinho.

Felipe - Um sentimento?

Juliana - Gratidão e saudades.

Felipe - Uma lembrança?

Juliana - As apresentações, é o mais marcante.

Felipe - Uma história?

Juliana - Tantas coisinhas, mas assim, o que eu mais lembro foi quando eu fiz a velhinha numa peça de família, nossa, acho que você era o filho rebelde não era? Eu era vovó, nossa, é verdade. E o mais legal é que além do fato de na escola todo mundo participar, na minha família todo mundo participava, porque tipo assim, a minha tia fazia minha maquiagem, a minha vó me deu o xale. Era mais do que só dentro da escola, era fora também. Eu lembro que naquele acampamento que teve, eu lembro que a gente tava brincando, em uma fila indiana, e subiu uma barata enorme no meu ombro. Mas enfim uma lembrança meio traumática.

ADRIANA RIEGER

Ao final da entrevista foram mostradas as fotografias 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 11.

Adriana - Eu tive que sair da escola porque todo aquele movimento criou uma força muito grande. Tudo começou com a questão da democratização do acesso à escola, que era uma das diretrizes daquela gestão, e de fato essa é uma diretriz que eu acredito. Então eu acredito que a educação tem esse poder libertador, e que a gente precisa garantir, em especial na escola pública, a qualidade social da educação que não é a qualidade cognitiva, acadêmica só, é uma qualidade social que a gente tem que garantir, a gente precisa garantir o acesso, mas também a permanência desse menino lá na escola. A gente tem que entender que o menino não vem sozinho, tem um combo né, vem o kit, vem a família, o arranjo familiar dele vem junto. Eu não tenho direito enquanto escola, enquanto instituição, de interferir e muito menos de fazer qualquer juízo de valor em relação ao arranjo familiar que ele tenha.

E muitas vezes é o oposto que a gente encontra né, a gente na sala dos professores houve muito: “a família desestruturada, família isso e aquilo.”. E eu como professora eu morria de vontade de ver se as pessoas iriam ter coragem de dizer a mesma coisa com a mãe do fulano, com a família desestruturada sentada na mesma mesa, “será que você tem coragem de falar isso?”. Então eu sempre fui fora da caixinha, eu acho que eu nunca me encaixei no padrão ali que era esperado, e eu já tinha Mães dos Jogos lá na minha sala de aula, no Vila Sá, (EMEIF localizada no bairro Vila Sá em Santo André, SP) então em 97 eu criei o grupo Mães dos Jogos e em 98 eu tive que encerrar.

No começo a diretora da época deixou eu montar esse grupo, porque era cômodo: “é bom ter mãe tarefaira na escola.”. Ah, vinha ao encontro do que a secretaria dizia: “a gente vai democratizar o acesso, a gente quer participação da comunidade escolar, a gente quer participação de todos os segmentos nas decisões da escola.”. Eu acreditei de verdade, isso fazia parte do meu sonho, do meu propósito

então: “oba! Vou fazer parte disso, como eu posso fazer parte?”. No começo você vê né, chamam para informar como que a escola gastou um dinheiro, depois chamam para para consultar: “olha, recebemos a verba, vamos pintar a escola, azul ou amarelo? mas o azul é melhor que não aparece tanta sujeira”. Sabe aquele tipo de participação? Que não era o tipo de participação que eu entendia. A minha concepção de participação é outra, mas ao mesmo tempo eu entendi assim: a gente só aprende a participar, participando. Então quem tá a frente desse processo também não aprendeu participar de outro jeito, tá aprendendo também, isso é um processo, vai ampliar, logo muda.

E aí foi o primeiro ano que na prefeitura instituíram o ensino fundamental. E aí eu aceitei, como eu sempre fui fora da caixinha, eu sempre gostei do novo, de ousar, de inovar, de experimentar outras coisas né. Eu sempre morri de medo de banalizar meu olhar, de acabar não enxergando mais as coisas, porque elas vão ficando muito óbvias, e começar a achar que as coisas faziam parte da daqueles espaços e naturalizar. Eu tenho muito medo disso, naturalizar o que não pode ser naturalizado.

Então eu resolvi que eu quero o ensino fundamental. Aí depois começou a rifa dos alunos né, e no caso, além de rifar os meninos das famílias desestruturadas, ainda estavam rifando: “esse aqui tem baixa visão, iihih essa menina tem algum probleminha mental...”. Aquilo me incomodava muito né, porque de fato eu trabalhei 32 anos no serviço público, mas eu não trabalhei como professora no serviço público porque foi a única coisa que me sobrou na vida, eu escolhi, foi uma opção minha. Nesse ano que eu assumi o ensino fundamental, eu assumi junto esses cinco meninos que estavam sendo leiloados, todos eu arrematei. E aí eu não conseguia ficar de manhã porque esses meninos ficavam à tarde, e eu fui para de tarde. Aí todo mundo: “você tá ficando louca, você não vai ficar de manhã?” e eu falava: “para quem trabalha o dia inteiro, tanto faz ser de manhã ou de tarde”.

De verdade começou muito difícil, era uma sala bem grande, tinha mais de 30 alunos, até porque eu nunca aceitei perder ninguém pelo caminho, eu perdi, mas não perdi porque eu quis, eu lutei, eu sempre tinha para mim que eu tinha que disputar o destino dos meninos. Então eu precisava de gente comigo, sozinha não tava dando conta. Porque eu sempre entendi que a gente é muito singular né, que cada um tem um tempo, tem um ritmo, tem um estilo próprio de ser, de viver, de aprender, de gostar, de tudo. E aquela sala de aula era muito diversa, todas as salas são diversas, mas aquela de verdade estava representando acho que o maior desafio que eu tive na vida essa minha turma de 97 para 98, tinha momentos que eu não sabia o que fazer. Porque eu olhava e a maioria não tava aprendendo o que eu queria né, o que eu queria não, o que eu sabia que eles precisavam aprender. Eu sempre acreditei que eu tinha que dar mais para quem tivesse menos, e eu não tava conseguindo nem o mínimo, porque eu não conseguia enxergar avanço. E aí as famílias quando vinham buscar as crianças no fim da aula, tinha gente que comentava assim: “essa é a sala dos deficientes?”, tinha mãe que ia na diretoria e perguntava se podia mudar de turma porque aquela sala era dos “fracos”.

Até então, até esse ano, quando a mãe chegava na porta da sala e lia o nome do filho na lista, ficava toda feliz, porque eu ia ser professora, então tinha uma coisa de ser professora querida. E aí eu comecei a experimentar uma certa rejeição do tipo: “acho que não é bom para o meu filho ficar nessa turma” e alguns diziam: “mas ele não tá aprendendo”. E aí sabe aquela coisa, quando a bunda começa a molhar né, não tava na bunda, tava no pescoço, mais um pouco eu ia me afogar e eu não tava percebendo. Eu sabia que eu precisava de ajuda e eu clamava por ajuda dentro da

escola para quem deveria me ajudar, mas as pessoas diziam para mim: “você não quis aquele monte de deficientes? Você que quis.” as pessoas me apontavam o dedo e diziam: “você escolheu, porque você fez isso com você?”, “ah, mas um ano passa logo” e quando começou a acontecer dos pais manifestarem esse descontentamento, ou as crianças contarem né, porque criança é bicho bacana, porque elas contam tudo que escuta né: “o pro, a minha mãe falou que vai falar com a diretora para eu ir para a professora fulana de tal, porque que você não tá ensinando. Você não dá lição de casa.”. Eu sempre fui contra a lição de casa, lição de casa que o menino não sabe fazer sozinho, lição de casa não pode ser castigo, lição de casa tem que ser libertadora, tem que construir autonomia, responsabilidade, mas não alguma coisa que a mãe tenha que parar a vida e ajudar ele a fazer, não podia ser assim e eu não tava conseguindo encontrar coisas que eles pudessem fazer sozinhos né. Enfim, não dá para eu mandar a lição para o aluno se alfabetizar com a mãe, era meu papel, não era o da mãe.

Naquela época eu ainda precisava aprender muita coisa, eu não tinha toda essa experiência e o repertório com jogos, foi aí que eu fui pesquisar, que eu fui estudar sobre jogos. Eu assinava uma revista que tem até hoje, *Nova Escola*, e nessa edição de 98 eu li uma matéria do Tião Rocha que ele falava do *Bornal de Jogos*, ele é um antropólogo, ele é o príncipe brasileiro da didática da diversão né. Eu li essa matéria e ele contava da experiência de ensinar os meninos matemática e língua portuguesa embaixo do pé de manga, que ele falava dos jogos no terreiro, com barro. Eu comecei a ler aquilo e comecei me imaginar naquele lugar, e imaginar aquele lugar dentro da minha sala de aula. Eu já não sentava os meus alunos um atrás do outro, eu formava pequenos grupos né, e já era um incômodo para a professora que trabalhava na mesma sala que eu. Eu tinha que desmontar e montar a sala, não o funcionário da escola. Porque eu que fugia do padrão, que era, nunca atrás de nunca, eu que inventava moda, era assim que eu ouvia: “como tá suja a sala”. A gente ia buscar, terra, mato, areia e tinha mãe que falava assim: “nossa, mas no primeiro ano volta sujo desse jeito?”. Mas tem morro, tem grama e a gente vai na grama, a gente vai no morro depois da merenda, a gente precisa disso. “Nossa, mas só brinca?”. Não brincava só né, enfim. E aí eu comecei a estudar sobre isso, mas só ler não tava me ajudando. Aí eu escrevi para o Tião dizendo: “eu tinha lido a matéria, eu tô com uma turma assim e assim”, pedindo ajuda né: “me socorre, me ajuda a escolher quais são os jogos, que eu não tô sabendo qual é o melhor, como é que eu ajudo quem tem baixa visão?”. Aí eu comecei a descrever os casos né, não recebi resposta. Era correio, demorava mesmo, foi passando um mês e nada. Aí eu escrevi outra carta bem desaforada dizendo: “que pelo menos tivesse a hombridade de responder, que não ia me responder, e que aquilo era só para ficar bem na matéria que dizia. Quer saber mais? Entre em contato comigo”. Ele não precisava nem gastar o selo. Eu não sei se foi sorte, mas entre tantas cartas que recebeu ele abriu essa, ele nunca achou a primeira. Quando ele abriu a carta ele ficou indignado. “Como assim ela tá me cobrando? Uma resposta do quê, que eu não sei nem o quê ela tá me cobrando”. Ele me respondeu dizendo que ainda não tinha usado o meu envelope e que só usaria quando ele entendesse o que eu tava querendo, que eu tava cobrando uma dívida que ele não sabia o quê eu tava cobrando. Aí eu mandei tudo de novo, era tudo escrito a mão, era carta gordinha porque os problemas tinham aumentado. Tinha 200 jogos naquele *Bornal* era caro para caramba porque tinha o frete e eu não tinha dinheiro para comprar o *Bornal* e também o frete. Então eu falava na carta que eu não tinha dinheiro para comprar o *Bornal*, “mas eu preciso que você me sugira alguns jogos”. Aí eu listei os que eu tinha, porque eu precisava de ajuda para aprender a escolher,

eu não sabia qual jogo escolher para cada coisa. E aí ele mandou a resposta para essa carta e para muitas outras. A gente começou a conversar por escrito, e ele não mandava mais carta com o envelope selado, ele mandava naquele envelope pardo que era mais caro a carta ainda. Ele me mandava cópias com xerox de coisas que tinha no *Bornal*, ele me mandava sugestões ali.

Eu fui tentando, só que sozinha não dava para produzir os jogos, aprender a jogar, ensinar a jogar, todo mundo ao mesmo tempo. E como tava essa moda de falar: “vamos trazer os pais para a escola”, ah, aproveitei né, a gente tem que saber unir o útil ao agradável. A diretora que tava nessa época, eu conversei com ela, e ela falou: “fique à vontade”, eu chamei uma comissão de mães, para elas me ajudarem a fazer os jogos. Mãe tarefeira, mãe que encapa caderno, que limpa a escola, isso é normal né. Chamei, aí arrumei lá na sala dos professores um cantinho para elas confeccionarem os jogos, e dá-lhe trabalhar, fizeram um monte de jogo, vieram super animadas, veio vó ajudar, enfim uma festa.

Passado um tempo, os jogos prontos, vamos começar as sessões de jogos, mas que agora sozinha não dava. Aí eu comecei a convidar essas mães que construíram os jogos, eu orientava como elas tinham que fazer intervenção, eu falava: “não é para dar resposta, mas não é para colocar ninguém num mar de dúvida. E também não é para deixar facinho. É para fazer uma mediação, é para fazer perguntas para problematizar. Os alunos têm que construir a resposta, mas a gente tem que ir desfiando esse fio lá dentro.”. Eu lembro que eu usava essa expressão: “é como se tivesse um novelo todo emaranhado que a gente tem que ajudar a puxar esse fio enrolando aqui para fora. Porque depois com o novelo enrolado é fácil para ele andar na vida.”. Então todos os dias, 5 dias da semana, a primeira hora de aula as mães já chegavam, entravam com os meninos. Eram tipo umas dez mães, uma para cada três crianças mais ou menos né, e elas entravam juntas e ficavam aquela primeira hora, porque a minha merenda era às duas horas, então a hora que eu ia para a merenda elas iam embora, depois eu tocava a vida como devia ser a escola. Aquela primeira hora, que dava uns 50 minutos, a gente fazia as sessões de jogos, e todos os meninos ficavam agrupados, e cada dia eu ficava num grupo. Porque eu ia fazendo as intervenções e aí eu criei uma planilha para as mães irem anotando. Tinha o nome das crianças, o nome do jogo, e elas iam anotando, por exemplo, um jogo de que eu tinha como objetivo a contagem.

Eu lembro até hoje dessa menina, a Manuela, tinha ataxia motora e a mãe dela era prostituta da Estação da Luz, a mãe dela teve sífilis durante a gravidez, e já tinha tido muitas outras doenças. Então ela nasceu com comprometimento motor terrível, ela tinha válvula e ela já tinha feito várias cirurgias. Ela tinha sido adotada por uma família que tratava ela como um bibelô, porque morriam de medo dela cair. Então me assustava também, por que diziam: “Manuela tá andando e de repente assim cai mole”, e era verdade, diziam: “professora, você não sai de perto dela, se ela cair que nem paninho de cachorro mole, você pega, ela não pode bater a cabeça que ela morre.”. E a Manoela eu sempre dizia: “olha, a Manuela tem dificuldade para contar né, assim de cabeça, mas empresta dedo para ela, empresta o dedo para ela, que aí ela vai.”. Então para cada um tinha coisas diferentes e essas mães, avós, foram entendendo esse processo, e foram contribuindo. Só que essas mães não eram mais tarefeiras, elas participavam de verdade.

Uma vez por semana a gente tinha a reunião pedagógica, que eu podia fazer qualquer coisa que eu quisesse, só não podia ir embora, eu tinha que ficar na escola. O que eu fazia? As mães iam buscar as crianças, que ficavam brincando dentro da

sala e a gente sentava e se reunia para fazer o planejamento da próxima semana. Eu conversava e discutia com elas, e às vezes elas falavam: “ah não, esse dominó é muito facinho para fulano”, elas começavam a ver coisas que eu não via, porque elas estavam atuando ali, então era uma participação de verdade. Era isso que eu queria. Meu objetivo não eram elas, eram os meninos, mas aquilo começou a surtir efeito. Então quando tinha uma situação problema para resolver eu observava que alguns já demonstravam ter avançado, nas letras, nos jogos, então eu percebi avanço ali. Essas mães também estavam empoderadas por entenderem o papel social delas ali dentro da escola, terem consciência de que elas podiam mais, do que só ir assinar o boletim no dia da reunião e ser chamada na porta para alguém falar mal do filho dela, que elas mereciam mais do que isso. E Começaram a observar: “os alunos tão sozinho lá na merenda, cadê a professora fulana? Olha, os meninos estão fazendo não sei o quê, a professora não tá na classe?”. Elas começaram a olhar a vida da escola e botar o dedo em coisas que estavam erradas. “Nossa, a professora tá chegando agora, os meninos tão com quem? Olha a professora trouxe o filho hoje, mais fica com o filho do que dá aula para os meninos. Nossa, eles vão ficar o dia inteiro brincando com esses pinos aí no pátio?”. Então elas começaram a observar coisas, falavam entre elas e começaram a buscar a diretora para falar também. Então começou a virar pauta de reunião pedagógica o que elas falavam para a diretora.

Aí as professoras, é óbvio, fizeram pressão de que aquilo era uma invasão, que elas tinham liberdade de cátedra, que aquilo era um absurdo e que a culpa era minha. Que eu era incompetente, que quis dar uma de gostosa, e quis dizer que era melhor que todo mundo, e elas falavam: “você ficou com os especiais porque você quis. Agora, você é incompetente e não dá conta, porque ninguém dá conta deles. Você agora fica botando as mãos aqui para atrapalhar a nossa vida. Para elas fazerem o seu trabalho.”. Ninguém entendia o que estava acontecendo. A diretora nessa época defendeu a permanência das mães, porque ela tava entendendo o que estava acontecendo. Mas enfim, aquele ano passou rápido e eu pude continuar com as mães até o final do ano.

No ano seguinte, a professora Sônia que era da EMEI Vila Floresta foi ser minha diretora na EMEI Vila Sá. Qual foi uma das primeiras providências que ela tomou? Impedir as mães de entrarem, e eu pedi para continuar com os meus alunos. Você acha que alguém quis os meus alunos? Óbvio que não. Então a primeira providência dela foi: “Não tem mais mãe entrando em horário de aula”, eu respondia: “Mas é meu projeto”. “Não, você vai dar aula sozinha, porque você tem que dar aula, não as mães. Você vai se virar sozinha”. Enfim, as mães não puderam mais entrar. As mães ficaram muito mobilizadas com isso, foram até a prefeitura, reclamaram e nada... E o que me ofereceram? Ser diretora. Eu tava muito “P” da vida! E aí eu fui fazer a seleção para vice-diretora, eu não conseguia continuar na escola tendo aquela diretora me proibindo de fazer tudo aquilo, e os meus alunos e as mães sofrendo. Eu me sentia acuada, amordaçada, eu não conseguia mais ficar lá, então eu ia chorando no carro, tava um sofrimento para mim. Alguém me falou assim: “para você mudar isso, você tinha que ser a diretora”, eu respondi: “nossa, eu fiz a inscrição para a coisa errada então”. Mudei a inscrição de vice-diretora para diretora. Eu queria ser vice-diretora lá na Vila Sá, porque lá que estava precisando de vice-diretora,

Então eu queria ser a vice-diretora, porque a vice-diretora ficava meio período com os alunos e meio período ficava na direção. Então eu ia ficar na direção para atormentar a vida da diretora e ela ia ter que voltar atrás. Aí a hora que a pessoa falou isso eu voltei com o carro para prefeitura, paguei o estacionamento de novo, subi, e

fui lá no balcão e falei: “eu quero mudar minha inscrição, porque eu não quero ser a vice-diretora, eu quero ser a diretora”. Depois veio a prova, veio a entrevista, e eu passei. Aí me chamaram para escolher a escola, eu queria a minha escola, a Vila Sá, mas já tinha diretora lá. Aí eu pensei: “será que não pode oferecer para ela ir para outra escola, que é perto da casa dela.”. Porque ela odiava o Vila Sá, era no meio de uma favela, com esgoto a céu aberto, é horrível o lugar mesmo. Porque ela não gostava de lá, ela sempre falava mal de lá, ela não gostava da comunidade, mas disseram que não podiam mandar ela para outro lugar e que eu tinha que escolher entre essas aqui, pensei: “eu nunca fui para esse lugar”. Aí alguém me contou: “essa escola aqui é isso, essa escola aqui é assim, e essa escola aqui, Maria da Graça é uma escola muito problemática, tem uma diretora que ficou lá vinte dias, porque a mãe foi pra cima dela. Você não gosta de mãe que participa? você não gosta participação? Aqui ó, é uma prova de que não deu certo a participação. Essa é uma escola que não para diretora.”. Menos de um ano cada uma, era muita gente para pouco tempo de história da escola. E aí elas contaram a história que no ano anterior tinham assassinado um ex-aluno da escola que chamava Rogerinho, porque ele tava usando os fundos ou a viela do lado da escola para dividir produto de roubo, a polícia chegou e matou ele, parece que no muro do fundo da escola. E aí atribuíram: “tá vendo esse excesso de participação, eles são privilegiados tem piscina, não sabem valorizar, tá vendo comunidade dá nisso.”. Eu disse: “eu vou para essa escola”. Ainda a minha amiga que tava comigo falava assim: “pega uma coisa mais fácil, para quê que você tem que ir nesse lugar? Para quê você tem que ir para lá? você tem que atravessar para o outro lado, pensa, você tem três filhos agora.”. Porque a mais nova era bebê. “Não, na escola que eu tô eu não vou ficar, eu não vou ficar com essa diretora mais um ano, com ela lá eu não vou suportar. O ano 2000 eu começo em outro lugar.”. Eu pensei: “se é como diretora que eu posso mudar alguma coisa então eu vou ser diretora de lá, essa escola precisa de mim, é para lá que eu vou, se eu tiver que quebrar a cara eu vou quebrar e pronto.

Quando eu cheguei eu encontro aquele grupo de professoras, que na primeira reunião pedagógica eu ficava pensando: “onde que eu vim parar?”, um tempinho depois quando eu cheguei a perguntar: “qual é o problema de vocês comigo? o que acontece?”. E aí responderam: “é que assim, é difícil te aceitar como diretora, uma pessoa tão mal vestida, descabelada sabe...”. Oi, isso era critério para me respeitar? Para poder dialogar? para não boicotar? para respeitar as pessoas? Que não era respeitar nem a mim, era às outras pessoas, às crianças principalmente. e aí eu falei: “Eu tenho que ficar aqui mesmo com elas”. O primeiro ano foi do cão naquela escola, 2000 foi o ano do cão, porque eu sofri muito, eu não tinha um aliado naquela escola quando eu cheguei. Aos poucos eu fui conquistando aliados, a primeira aliança que eu fiz dentro da escola foi com as famílias, não foi com funcionários e não foi com professores. Eu me sentia absolutamente solitária, eu me sentia numa ilha sozinha. Eu não tinha apoio nenhum da secretaria, porque a pessoa que era a coordenadora do setor, era amiga daquelas professoras. Se eu contasse que as professoras ficavam meia hora fazendo café, todas elas, e largava todas as crianças na merenda se matando, ela iria falar: “qual o problema?”, a implicância era minha. Se eu dissesse eu levasse pauta para fazer formação, elas reclamavam, elas não faziam, elas demoravam a chegar, elas ficavam fazendo bordado, e eu ouvia: “elas tão cansada”. Mas essa hora é para poder planejar, falar de projeto da escola. O que essa escola tem de projeto coletivo? “Nenhum, a comunidade não participa.”. “A comunidade não participa porque não tem o quê participar, se tiver, a comunidade participa.”. “Ah não, mas tem festa junina já”. Aí depois tinha a história, que não tinha festa porque já tinha

dado muita confusão, que ali tinha muito bandido e nóia. Eu dizia que não era possível, a gente tinha que ter manifestação cultural.

A minha segunda aliança na escola foi com a Joelma da secretaria, ela começou a resgatar alguns casos e me trazer. E aí ela também foi confiando aos poucos em mim, ela perguntava: “Quanto tempo você vai ficar aqui?”. Depois de mim as outras diretoras ficaram muitos anos, mas eu fui a primeira diretora em vinte e poucos anos que ficou três anos lá, porque ninguém ficava, todo mundo pedia para ir embora. Depois eu consegui aliança com a Mara e com a Edna, porque na verdade daquele grupo de professoras, inicialmente eram as duas únicas que se preocupavam com os alunos, tinham receio desta participação popular, mas elas queriam o melhor para os alunos delas. Elas não mediam esforços, a qualidade que elas faziam ali era das melhores escolas pagas. Elas procuravam, pesquisavam, começaram a confiar em mim e eu confiar nelas, a gente começou a ver que tínhamos o mesmo objetivo, a gente queria a mesma coisa. A gente usava caminhos diferentes, porque elas eram muito contidas, na delas, e eu ia de peito aberto, a gente começou com essa aliança e isso me fortaleceu mais.

Eu já tinha feito alianças com a comunidade, a gente tinha feito a primeira festa junina, que foi um baita sucesso, a gente tinha feito coral, mas ainda não tinha escola aberta, foi no outro ano em 2001. Mas a gente já tinha um movimento grande das famílias ali dentro, a gente já deixava aquele portão aberto. Eu comprei do meu do meu bolso as tintas para mudar a cor daquela escola, porque ela tinha cor de cadeia. Eu não conseguia conceber que a escola pudesse ser da mesma cor que a cadeia, não dá, aquela escola precisava de vida. Eu sofri aquela retaliação das professoras do tipo: “eu não quero a minha sala verde, eu não quero a minha sala rosa”. Elas tinham aquela coisa também dos armários: “o meu armário...”, eu dizia: “o seu armário tá na sua casa, esse armário é da escola”. Materiais guardados dentro dos armários, e eu dizia: “Isso aqui é de acesso dos seiscentos, você tá limitando o acesso para trinta”. Então isso incomodou muito, porque eu cheguei para colocar caos na ordem né, na verdade eu não fui colocar ordem no caos, eu fiz o inverso porque as coisas estavam bem assentadas. Fiz o fundamental ficar no fundo da escola e o infantil ficar ali perto dos banheiros, as professoras diziam: “a minha sala é essa, eu estou aqui faz vinte anos”, eu respondia: “a sua sala tá na sua casa, você faz o que você quiser dela, essa sala é da escola, a organização administrativa da escola vai ser assim, e você vai para lá”, isso incomodava muito. Professora que sumiu com o diário, porque ela tava com os alunos fantasmas e era uma prática comum naquela escola, que em 2001 que eu soube sem querer. Isso é crime. Esse foi um dos motivos que eu tive que ir embora de lá, porque escancarar essas coisas não faz bem para nenhum dos lados, nem para a administração e nem para as professoras. Porque isso é passível de ser exonerado a bem do serviço público, e ninguém teve culhão para fazer isso. Porque nessa coisa de alternância de poder, hoje o meu partido ganha e eu sou chefe, amanhã o seu partido ganha e você é chefe e me ferra. Então é uma terra de coronel e eu nunca tive rabo preso com ninguém, eu não entrei por cargo político, para mim tanto fazia, eu não tinha que temer. O meu lugar é na sala de aula, eu só fui ser diretora porque era o único jeito de mudar alguma coisa. Eu descobri que quando eu saí, as coisas foram aos poucos, encolhendo e voltando a ser como elas eram, então teve mudança, e não transformação.

Aí no segundo ano que eu tava na escola, a participação das mães era muito grande, tava efervescendo. Tinha mãe de manhã, tinha mãe de tarde, e aquela comunidade tava ali pedindo para entrar na escola. E aí começaram vir ideias da gente

fazer escola aberta e aproveitar os próprios meninos, que eram vocês (turma da quarta série de 2001), aproveitar vocês para irem educando as gerações mais novas, ensinando outras coisas, fazendo teatro, sendo referências positivas, referências diferentes que esses meninos podiam ter onde eles estavam. E tinha você (Felipe), tinha o Jefferson, tinha mais um grupinho. Mas você e o Jefferson principalmente, vocês amavam ficar na escola. A Leninha (Mãe do Jefferson) mudou para São Bernardo, e o marido trabalhava ali num depósito, e que era às duras penas que eles traziam o menino para a escola, tinha que ir embora de tarde mas ele não queria ir para casa da vó, ele queria ficar ali, ele não queria mudar para a escola que era perto da casa dele. Perguntavam: “mas vai ficar aqui fazendo o que?”, eu respondia: “escola, eles vão fazer atividade, eles vão ter outras coisas para fazer”. Aí a filha da Maria veio ensinar a bordar com fita, aí o outro ensina não sei o que, eu tive a ideia para fazer sabonete, “vamos chamar a mãe de não sei quem”, que era super resistente, para fazer oficina de bolo para as outras mães, e ela começou a gostar da escola e começou a vir.

Eu decidi, que agora era hora de fazer jogos. Ou as crianças ficavam confinadas dentro da sala de aula, ou elas iam para outros espaços e ficavam jogadas. Não tinha uma intervenção pedagógica no momento em que elas estivessem confinadas na mesa dentro da sala de aula. E aquilo era uma necessidade, aquilo era um incômodo muito grande para mim principalmente. Eu não via uma contação de história com qualidade, eu não via as professoras lerem em voz alta com fluência para ser um modelo para essas crianças, eu não via o lúdico dentro da sala. Eu via muitos pequenos com apostila, os pais que não tinham dinheiro tinham que se virar, em uma escola pública? Como a gente tá fazendo isso? Cada porta é uma escola? Não pode ser, uma escola é um projeto pedagógico só, a gente tem um projeto político pedagógico e a gente tem que saber o que a gente quer. Qual é a missão dessa escola? Quais são os nossos valores? Essa escola disputa o destino desses meninos, e essa escola luta por esse território, e ela não quer transformar esse território no território que vocês professoras moram, se vocês moram em outros bairros mais privilegiados, o território aqui é outro. A gente tem que empoderar esta comunidade para atuar nesse território e transformar aqui para melhor. Não adianta transformar esses em outros, porque esses são esses.

As mães foram comprando essas ideias, também foram se achando capazes. A Sheila tinha três filhos na escola, ela não se sentia capaz de fazer essa mediação com os meninos, era muito tímida, ela achava que podia ir para limpar as prateleiras, para forrar as caixas, até de construir os jogos, ela podia olhar os meninos para ninguém se machucar, ela podia levar no banheiro, podia segurar. Mas ela achava que não estudou para isso. A Clara era uma mulher muito forte, mãe do Marcos, muito esclarecida, era muito calada, ela era muito observadora, botava ordem, e era do tipo que empurrava do precipício quando via que o outro podia voar. Então ela ficava com a Cibele por exemplo, ela ficava no esteio da Cibele: “a gente vai junto.”, “você segura de um lado e eu seguro do outro.”.

Então você começava ver movimentos entre elas, a gente começou a constituir ali uma comunidade colaborativa de aprendizagem. Não só dos meninos mas também desses adultos, a gente foi construindo uma rede, uma comunidade de aprendizagem, que infelizmente não se expandiu para os docentes, porque até alguns funcionários entraram nessa rede. A Júlia, eu tinha uma foto muito emblemática, ela com a vassoura debaixo do braço parada, ela tava orientando alguém a andar no banco, uma pequena, a foto tá ela falando para a menina por um pé na frente do outro. Até a

Júlia, que mal sabia escrever o nome, semi alfabetizada, começou a se descobrir educadora e começou a perceber que a intervenção dela também era importante para os meninos crescerem, para se desenvolverem, e para aprenderem. Que ela também tava comprometida com a sociedade a partir do trabalho dela, que o trabalho era muito além de varrer e deixar limpo para eles transitarem, mas que ela podia sim falar: “pode por um pezinho na frente do outro. vem com calma”. Em seguida ela põe a vassoura no chão, que a menina tinha medo de pisar pé ante pé, a Júlia vai e dá a mão para a menina. A criança precisava se sentir acolhida e segura, e qualquer um podia cumprir esse papel e ela foi e fez.

Então eu comecei a colher muitos frutos ali que eu me deliciava, frutos que me deram uma felicidade imensa. Porque era mais do que eu tinha pensado que eu ia conseguir. Mas ao mesmo tempo as outras pessoas que não entendiam aquele movimento achavam aquilo um absurdo, e diziam: “O que a faxineira tá se intrometendo na minha aula?”. O pai do Milton e da Cibele, por exemplo, ele começou nos dias que ele tinha folga, que ele trabalhava à noite, ele vinha para participar dos jogos na sala do pequenininho porque era muita coisa corporal, eu me lembro que ele segurava o banco com as duas mãos, ele começou a perceber que ele também podia contribuir. Tinha avó que vinha, tinha muita gente que você nem imaginava que um dia ia querer participar da escola, e que as pessoas também nem imaginavam que um dia podiam participar daquele jeito, que isso ia ser bom. Que essas pequenas coisinhas iam impactar a vida daqueles sujeitos, que eles também estavam transformando o mundo a partir da sua atuação no mundo.

Eu aprendi muita coisa nesse processo, muita coisa que eu devia ter feito diferente, muita coisa que eu faria exatamente como eu fiz, mas eu aprendi muita coisa. E o mais bonito foi ver que muitas das pessoas que participaram desse projeto se transformaram depois em educadoras e professoras, que se descobriram nesse lugar. Saíram daquela condição de sombra, para virar protagonista da própria história, é muito simbólico isso. E aqueles meninos, você (Felipe) é um dos meninos, eu via felicidade no olho desses meninos, e eu via a vontade e aquela invejinha dos meninos que não tinham as mesmas oportunidades que vocês tinham, porque os professores não aderiram. Por exemplo, a turma da tarde morria de vontade de ser a turma da manhã, inclusive a irmã da Maria tinha os filhos à tarde, até que ela mudou os filhos para de manhã, porque ela não aguentava mais.

Então gerava uma coisa na comunidade de começar a cobrar a escola, a comunidade começou a cobrar qualidade, começou a cobrar o que é de direito dela. Isso foi incomodando muitas esferas. Esse foi um dos motivos de eu ter sido “convidada”, convocada a sair, “ou sai, ou sai”. E aí não tinha como eu ficar mesmo, eu não ia ter como agir, não ia ter como atuar, eu simplesmente ia murchar ali. Eu sempre me achei roceira, tem gente que se vangloria e fica feliz por colher flor, e é irônico, porque eu acho que flores acabam me encontrando depois na vida sabe, eu acabo encontrando as flores ou sentindo perfume delas, nem que seja de longe. Mas eu sempre me senti a roceira, que vai primeiro, que mexe na terra, que tira as plantas daninhas, que planta, e aí se não brota vai de novo, e cuida, e joga água, e deita em cima, e fica ali até brotar. E aí quando brota, eu já cumpri meu papel. Eu tenho que caminhar para continuar a fazer essa aragem em outro lugar. E sempre acreditando que o que for de verdade vai brotar e vai vingar, que as coisas levam tempo. Talvez o meu tempo de vida na Terra não seja mesmo suficiente para transformar essas coisas, mas por exemplo, estar aqui falando com você agora, me enche de emoção. Porque eu tenho certeza, que, pelo menos algumas sementes vingaram e cresceram forte,

que vão brotar outras sementes de você e que isso vai germinar. Então a minha passagem por essa vida não foi em vão, e se eu só tivesse encontrado você eu teria a certeza de que valeu a pena. Valeu muito a pena.

Ontem à noite eu falei com um ex aluno. Hoje ele tem um projeto social no Zaíra em Mauá, e agora ele fundou outro em Suzano, esse menino veio do Nordeste, aquela família super estigmatizada. Ele tem 25 anos agora, eu conheci esse menino tinha uns 11 anos, foi quando ele veio do Nordeste para cá e foi para escola, e na escola ele ganhou todos os rótulos que todos os meninos ganham quando vêm do Nordeste, quando são favelados, quando não são brancos de olhos azuis, quando são da Silva. Ele ganhou todos esses rótulos, e eu não fui a professora de alfabetização dele, não era professora dele, mas eu recolhi esse menino do corredor e trazia para minha sala. Ele disse que aprendeu a ler comigo, mas de verdade eu não lembro. Era uma escola que eu substituí por um tempo, eu não trabalhava nessa escola, eu era professora substituta e ficava com os meninos que tinham dificuldades, e ele nem tava na lista das dificuldades. Era aquele caso que não tem jeito, iam esperar ele completar a idade para ir para o EJA. Você (Felipe) deve lembrar do Robson na sala de vocês, que era isso que as pessoas esperavam, que ele completasse 15 anos e fosse para o EJA, e a Rosângela mãe dele lutava por esse menino. Um dia eu queria saber dela, do Robson. Aquela mulher lutava, e ela brigava com Deus e todo mundo, inclusive com o marido, ela disputava o destino daquele menino, ela dizia: “ele tem direito, ele tem direito”. Eu achava linda essa história dela, enfim.

Em 2016 praticamente, quase 20 anos depois, muito tempo depois a gente se reencontrou. Eu entrei na minha sala de aula do curso de pedagogia no primeiro semestre do primeiro ano. A coordenadora do curso costumava me dar o primeiro semestre do primeiro ano porque ela dizia que eu não deixava os alunos irem embora, porque de verdade, ou eles se apaixonavam por ser professor, ou eles desistiam e entendiam que ali não era o lugar deles. Ou que eles queriam ser como eu ou eles falavam: “eu não quero ser isso aí”, então era bom. E as minhas salas sempre foram cheias, e ela me dava também a sexta-feira. Porque sexta-feira à noite o pessoal ia para o barzinho, e os meus alunos tavam na minha sala. Muitas vezes terminava a aula eu ia no barzinho com eles, esperava o meu marido ir me buscar, não tinha problema, mesmo eu não bebendo eu ia com eles. Mas tinha que assistir minha aula, “vamos assistir minha aula, porque se não, você vai perder e eu vou perder, vamos ficar.

E nesse dia eu entrei, um calor do cão, sala lotada, primeiro dia, primeiro semestre na Anhanguera. Você já imaginou aquele prédio antigo que nem funciona mais, agora é lá na frente do Hospital São Cristóvão. Mas era aquele prédio antigo da Senador Fláquer, abafado, com as janelinhas, sala lotada, um calor de fevereiro, todo mundo suando, eu gordinha suando. Eu entrei na sala, e aí coloquei minhas coisas em cima da mesa. Tem aqueles púlpitos né, que a gente sobe, eu nunca gostei daquilo eu sempre vou para o chão, comecei a me apresentar. E sempre tem aquela história de perguntar quais são as características de um aluno com sucesso acadêmico e aí eles falavam, e eu perguntava: “então, quais dessas características vocês já tem? Característica não é nata, a gente desenvolve. Então você não tem ainda? Não tem problema, dá para você desenvolver. Vamos fazer um exercício metacognitivo para pensar. Disso aqui, o quê eu já estou bem? E o quê eu dou farol amarelo, vermelho. Vamos pensar num projeto de vida, para você ter sucesso acadêmico, para valer a pena, você não ter só um diploma”. Aquela conversa toda.

Eu olhei do lado mas eu não reconheci. Que nem assim quando eu vi sua foto (Felipe), “quem é esse menino, eu já vi em algum lugar”. E eu olhei na primeira cadeira um menino sentado ali anotando, parecia que tinha incorporado Chico Xavier ali. Me chamou a atenção o tanto que esse menino escrevia, eu nem tava falando tanto assim, o que ele escrevia? Aí deu o intervalo, voltando eu combinei: “nós vamos pegar o prazer de casa, que eu só vejo vocês semana que vem. Não é lição de casa, porque lição é um fardo, prazer é deleite, então vocês vão ter deleite. Vocês tão aqui porque vocês quiseram, ninguém catou vocês aí na rua, vocês escolheram ser professores. Não quero ninguém aqui virando professor que é só que sobrou na vida, que desgraça é isso. Eu que não queria ser seu aluno. Então assim, voltando do intervalo nós vamos falar do prazer de casa dessa semana.”.

Aí os alunos foram saindo, ele veio perto de mim e eu falei: “escuta, o quê você tanto escreve?”, ele olhou para mim e falou: “uma carta para senhora” “uma carta? Meu Deus.”. Aí ele falou: “A senhora não lembra de mim?” Pronto aí mata né, “deixa eu ver... qual seu nome?” “José Alex”, eu completei: “Trajano da Silva”. “A senhora lembra de mim?” “não da sua cara, mas eu já sei quem é você, agora eu to vendo seu cabelinho enroladinho, já sei quem é você. Você não tinha essa barba, você era um moleque.”. Aí ele me deu a carta e eu comecei a chorar lendo a carta. Porque ele foi escrevendo que ele nunca imaginou que ia me reencontrar, que eu mudei a vida dele, que eu falei para ele que era possível, enfim. Ele mora num barraco lá no Zaíra 6 (Bairro da cidade de Mauá, ABC Paulista), e num dos cômodos da casa, ele tinha montado uma sala de Jovens e Adultos, ele tinha montado uma sala para alfabetizar os velhinhos que moravam lá em cima do morro. Porque se eles descessem para ir para o MOVA ou EJA, eles não podiam subir, por causa do tráfico. Então ele começou a ensinar as pessoas a lerem e escreverem, para ler a Bíblia, para poder assinar documentos. E ele foi me contando do projeto e tal.

Esse menino ganhou uma medalha, ele é um Comendador no Estado de São Paulo, ele já ganhou um monte de prêmios na área de educação, de relevância social, de um monte de coisa, nenhum com dinheiro, só premio de reconhecimento. Já publicou muitos artigos, já escreveu dois ou três livros. Ontem a gente conversou porque ele tá escrevendo outro, vai publicar e me pediu para fazer o prefácio deste livro para ele. Tá expandindo, tá ajudando muita gente, já alfabetizou mais de 500 pessoas, mais os velhinhos com mais de 60 anos, os alunos dele. E me tem como uma referência na história dele, então para mim é motivo de muito orgulho. Agora ele tá prestando a seleção para fazer o mestrado dele na USP, mas ele já fez outras especializações, ele transita pela PUC, pela Federal, por vários lugares. Mas agora ele vai entrar no mestrado lá.

Em 2018 ele participou de uma de uma atividade, quando ele virou Comendador, de um prêmio chamado medalha Paulo Freire. Ela é entregue para profissionais da educação que tenham seu trabalho comprovado como de alta relevância social, e esse menino me inscreveu sem eu saber em 2018. Quando foi em Julho de 2019 ele me ligou e falou: “professora aqui é o Alex pode falar comigo?”. “Sim”, aí ele falou: “professora queria muito falar com a senhora, a senhora foi agraciada por unanimidade, porque quando seu nome passou na USP já cancelaram, quando passou na PUC cancelaram, também passou aqui na Federal cancelou. Em todos os lugares que foi passando o seu nome as pessoas sabiam de trabalhos que a senhora fez na educação que tem relevância. E aí em outubro de 2019 eu recebi a medalha Paulo Freire das mãos da viúva do Paulo Freire em Mauá, tem decreto na Câmara, eu tenho uma cadeira na Academia Mauaense de Cultura e

Arte. Eu falava assim: “mas cultura e arte? Eu sou professora.”. “Mas você tem trabalho de relevância, que promoveu a cultura local e a arte sim”.

Mães dos jogos é uma das coisas que entra em cultura local, entendeu. Nada é por acaso Felipe, porque era a arte que era base de todo o nosso trabalho, era o respeito à cultura local daquele lugar, a cultura da infância, enfim. Eu tenho uma cadeira em Mauá que só vou perder quando eu morrer, eu sou emérita. Depois eu vou organizar um livro, nós vamos organizar esse livro juntos, vai ser um livro só com Mães dos Jogos. E se você conseguir falar com outras mães, a gente vai coletar tudo, e vai fazer uma coisa muito legal só sobre isso. Não quero um centavo disso, você (Felipe) que pegue esse livro e sai por aí vendendo. Eu financio o livro, tem esse ônus né, tem que ter publicação, porque não é só ganhar medalha, eu tenho que fazer a produção e você cuida do resto. Eu acho que frutos tem que continuar dando semente por aí, se não der dinheiro, mas pelo menos vai fazer essa história chegar em outros lugares, e outras pessoas saberem.

Eu fico grata demais, porque nada é por um acaso, o universo conspira de um jeito... Em 2019 quando eu recebi a medalha fazia um mês que meu marido tinha falecido. E o meu marido era o amor da minha vida, era o meu único namorado, a gente era muito unido, a gente era muito parceiro. Se eu consegui fazer tudo o que eu consegui, me dedicar a tudo a que eu me dediquei, mesmo com os meus três filhos, é porque ele sempre me apoiou. Ele sempre teve junto comigo, ele nunca achou que me ajudava. Ele achava que era papel dele de pai de fazer comida, buscar na escola, tirar piolho, limpar orelha, cortar a unha, fazia parte da função de pai e de mãe, a gente se revezava nessa posição. Fazia um mês que ele tinha falecido. Eu ainda tô me reinventando, aí a pandemia que me obrigou a ficar no casulo.

Mas tem muitas certezas das coisas que eu quero, eu quero continuar fazendo essas coisas. Eu pude ter esse tempo de olhar para trás na minha história e resgatar isso. Então você me procurar, não foi nem eu que te procurei, olha que coisa. No final do ano passado, uma outra pessoa que me procurou, foi a tese de mestrado dela. Ela escreveu sobre um projeto que eu fiz quando eu saí de lá do Floresta, eu fui para o centro de formação de professores e eu criei um projeto que chamava PAF (Professor de Apoio à Formação), o lúdico de novo. Então essas professoras iam para as escolas substituir, mas elas não iam fazer qualquer coisa, elas iam jogar com as crianças e de novo era o *Bornal* dos jogos. Então a gente tinha o *Bornal* das PAF's, tinha o PAF móvel que era o porta-malas delas, que tinha um arsenal de jogos. Elas iam em grupo, eu agrupava quem tem carro com quem não tem carro, para poder levar o arsenal. Elas promoviam jogos, contação de história, elas eram as Mães dos Jogos. Mas eram professores e elas estavam entrando na rede. Nesse grupo tinha um professor, que hoje já tá de cabelo branco, Pedro Henrique, também me procurou esses dias para dizer que ele é outro professor, ele era menino tinha vinte poucos anos quando teve essa experiência, já faz 18 anos. Tinha um que ele tava saindo da guarda municipal e tinha passado no concurso de professor, ele era um dos melhores que tinha naquele grupo. E ele falava: “eu sempre soube que eu não era polícia, porque é isso aqui que eu quero, educar, ensinar o certo desse jeito, e não com porrada. Porque eu não dava porrada, então não servia para ser guarda, eu achei meu lugar”. Então são histórias lindas e esse grupo era um grupo de 120 professores, que hoje muitos deles são diretores, coordenadores pedagógicos. E eu aposto que talvez esses possam mudar alguma coisa. Por exemplo, essa menina defendeu a dissertação e depois fez uma homenagem para mim na escrita, me entrevistou também para contar. E esse foi mais um projeto que eu tive que abandonar porque tava criando problema.

Eu já sei disso, aliás acho que eu sempre soube que mudar as coisas causa problemas para os outros. Por mais que você saiba que aquilo era o certo, nem todo mundo está disposto a fazer o que é certo, o que é justo, mas eu vou seguir. Enquanto eu estiver respirando, enquanto eu tiver aqui nessa vida eu vou seguir disputando o destino dos meninos, lutando por equidade, vou fazer a minha parte. Hoje não tô na sala de aula com os meninos, mas eu trabalho com formação de professor, formação de gestor. Virtualmente fica mais fácil de trabalhar com muitos estados do Brasil. Eu só não trabalhei até hoje com Roraima, mas eu já atuei em todos esses estados e na maioria deles eu tive o privilégio de ir lá para dar essa formação. Um pouquinho antes da pandemia, umas duas semanas antes, eu voltei de uma tribo no finalzinho 2019, um problema com os garimpeiros e a polícia federal em Aripuanã. A gente não chega por terra, nem por água, porque tem os piratas. A gente tem que chegar pelo ar com teco teco. E a gente fica com escolta o tempo todo, era uma reserva, não tem energia elétrica, não tem telefone, não tem celular, não tem nada né, é uma aventura. Mas é lindo você saber que você vai nesse lugar e você pode promover a diferença de alguma forma. Então, por exemplo, nesse lugar eu descobri que os indígenas que não falam português, recebem do MEC o mesmo livro que o menino recebe aqui em São Paulo em português. Só que lá ele fala Txucarramãe (etnologia linguística), mas qual problema dele né, se ele não sabe nem escrever e falar? O problema é dele né, porque ele é brasileiro e deveria saber língua portuguesa. O MEC faz esse: ele que aprenda, ele que se vire, depois quer cota... depois ele quer uma cota, para entrar na boa na faculdade né. Então assim, são essas coisas me movem ainda.

Ah... é isso aí, o quê mais você (Felipe) quer? Falei demais, nem sei quanto tempo. Olha escreve eu respondo por escrito ou eu gravo áudio.

Felipe - Bate bola: uma lembrança?

Adriana - A alegria nos olhos, não só das crianças não, a alegria nos olhos das pessoas que conviviam naquela escola. É muito nítida essa lembrança, é muito forte para mim. Porque os olhos de quem tá feliz, de quem se sente acolhido, aceito, é diferente, brilha diferente.

Felipe - um cheiro?

Adriana - Eu me lembro dos sabonetes, da gente fazendo as oficinas de sabonete, que tinha hora que era até enjoado de tanto fazer sabonete. Um cheiro doce que fica né.

Felipe - um sentimento?

Adriana - Muita gratidão. Gratidão demais por ter vivido tudo isso, por ter conhecido essas pessoas e por reencontrar você depois de tanto tempo. E sentir tanto orgulho de saber que você lembrou de mim, que eu fiz parte da sua história de um jeito bom. Porque eu podia ter impactado você de um jeito muito ruim, e você nunca teria esquecido de mim por eu ter te ferido de um jeito que fosse impossível que você

me esquecesse. Eu sempre tive muito medo disso, eu fui privilegiada por ter vivido esse processo, eu tenho gratidão de ter provocado esse movimento. Porque eu acho que o médico quando comete um erro ele vai para um comitê e ele pode até perder o direito de clinicar e não pode mais ser médico. Agora professor, pode ir dia após dia, matar, enterrar, o sonho de todo mundo e ele se aposenta do mesmo jeito que ele entrou, ele se aposenta ganhando mais do que quando ele entrou e não acontece nada.

Felipe - Uma História?

Adriana - O dia que o Tião Rocha chegou na escola, nós não sabíamos que ele ia para escola. Foi iniciativa das próprias mães fazerem a camiseta (camiseta escrito As Mães dos Jogos), porque elas queriam criar uma identidade coletiva daquele grupo, então um sentimento de pertença.

Era um dia normal, era um dia de jogo, eu não lembro agora qual era o dia da semana, inclusive a Clara que tinha organizado isso, que a Clara era a mulher das tabelinhas, ela tinha uma prancheta com o semanário. Um dos dias da semana essas mães iam para escola em grupo para organizar o nosso QG, é assim que a gente chamava.

A gente pedia que as professoras dissessem o conteúdo que elas iam trabalhar na outra semana, o que os meninos estavam precisando mais para desenvolver, porque a gente separaria jogos que ajudassem. A Clara tava fazendo esse movimento. A minoria das professoras falava, e aí a gente escolhia o que a gente queria, porque elas não falavam, elas não viam importância nisso, uma ou outra né.

A gente tava ali discutindo: “para a turma tal vamos pegar tal coisa”, e era assim uma coisa muito informal, a gente ali conversando. De repente chega a secretária de educação com o Tião Rocha, que a hora que eu vi, eu bati os olhos e eu reconheci na hora. As mães também reconheceram, porque elas conheciam ele de foto, elas sabiam quem ele era, ele fazia parte da nossa história. E quando eu vi a sensação era assim: “ele era o meu Silvio Santos”, então eu abracei, eu belisquei, eu beijei. Eu não acreditava que ele tinha chegado, muitas mães também repetiram o meu gesto de abraçar. Ele tinha nos afetado de um jeito que ele tinha mobilizado aquele grupo a fazer melhor, a fazer diferença naquela comunidade.

E aí ele levou de presente para esse grupo, que eu espero que a escola ainda tenha né, um *Bornal de Jogos*, que era para gente se basear naqueles jogos, para selecionar e construir outros jogos. A secretária de educação foi junto nesse dia, e ela disse que estava comprando um Bornal para cada escola, que ela nunca imaginou que tivesse aquela história por trás, que eu tivesse me correspondido e que fosse aquela maluquice toda. Então se era tão importante o *Bornal de Jogos*, a prefeitura tava comprando um para cada escola, e assim foi.

ANEXO

Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido, assinados pelas entrevistadas.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de oficializar o consentimento voluntário(a) da sua participação na pesquisa **“Mães dos Jogos: uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir de um coletivo de mães na escola”**. Nesta pesquisa pretendemos **utilizar os depoimentos para fins de pesquisa acadêmica para trabalho de conclusão de curso**.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Ao conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador do projeto de pesquisa a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do participante
Nome: _____
RG: _____

Assinatura do Pesquisador
NOME DO PESQUISADOR
RG: _____

Pesquisador Responsável: FELIPE ADOLFO VIDAL
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 994809234 / felipe.vidal@unesp.br
Orientadora: CARMINDA MENDES ANDRÉ
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 3393-8610 / mendes.andre@unesp.br

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC – UNESP Bauru
Fone: (14) 3103-4825/ E-mail: sta.faac@unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de oficializar o consentimento voluntário(a) da sua participação na pesquisa **"Mães dos Jogos: uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir de um coletivo de mães na escola"**. Nesta pesquisa pretendemos utilizar os depoimentos para fins de pesquisa acadêmica para trabalho de conclusão de curso.

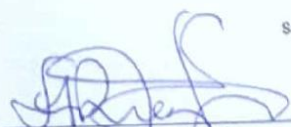
Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Ao conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador do projeto de pesquisa a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

Dedaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, 28 de setembro de 2021


Assinatura da participante

Nome: ADRIANA RIEGER
RG: 16286717-7

Felipe Adolfo Vidal

Assinatura do Pesquisador

NOME DO PESQUISADOR

RG: _____

Pesquisador Responsável: FELIPE ADOLFO VIDAL
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 994809234 / felipe.vidal@unesp.br
Orientadora: CARMINDA MENDES ANDRÉ
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 3393-8610 / mendes.andre@unesp.br

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC - UNESP Bauru
Fone: (14) 3103-4825/ E-mail: sta.faac@unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de oficializar o consentimento voluntário(a) da sua participação na pesquisa **"Mães dos Jogos: uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir de um coletivo de mães na escola"**. Nesta pesquisa pretendemos utilizar os depoimentos para fins de pesquisa acadêmica para trabalho de conclusão de curso.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Ao conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador do projeto de pesquisa a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

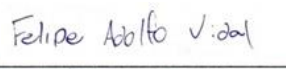
Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, 28 de outubro de 20 21


Assinatura do participante

Nome: Maria Inês R. Mendes Junior
RG: 17.587.299-5


Assinatura do Pesquisador

NOME DO PESQUISADOR
RG: _____

Pesquisador Responsável: FELIPE ADOLFO VIDAL
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 994809234 / felipe.vidal@unesp.br
Orientadora: CARMINDA MENDES ANDRÉ
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 3393-8610 / mendes.andre@unesp.br

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC – UNESP Bauru
Fone: (14) 3103-4825/ E-mail: sta.faac@unesp.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de oficializar o consentimento voluntário(a) da sua participação na pesquisa "**Mães dos Jogos: uma história de uma comunidade de aprendizagem a partir de um coletivo de mães na escola**". Nesta pesquisa pretendemos **utilizar os depoimentos para fins de pesquisa acadêmica para trabalho de conclusão de curso**.

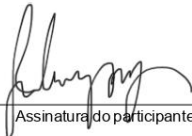
Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Ao conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador do projeto de pesquisa a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

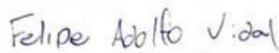
Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, 28 de outubro de 2021.


Assinatura do participante

Nome: **Juliana de Gouveia Garcia**

RG: **47.819.370-1**


Assinatura do Pesquisador
FELIPE ADOLFO VIDAL
RG:48590299-0

Pesquisador Responsável: FELIPE ADOLFO VIDAL
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 994809234 / felipe.vidal@unesp.br
Orientadora: CARMINDA MENDES ANDRÉ
Instituição: Instituto de Artes / UNESP - Câmpus de São Paulo
Contato: (11) 3393-8610 / mendes.andre@unesp.br

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC – UNESP Bauru
Fone: (14) 3103-4825/ E-mail: sta.faac@unesp.br